

A VÓS CONTEIO





ARQUIVO TIBETANO

Lama ou abade principal, com um pergaminho antigo, no interior de uma lamaseria da fronteira tibetana. (Foto da Expedição Fotográfica da AMORC)

A VÓS CONFIO

Tradução: Ceslawa M. Nycz, F.R.C. Capa: Vilmar Lopes

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO

Charles Vega Parucker, F.R.C. Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

ORDEM ROSACRUZ - AMORC GRANDE LOJA DO BRASIL

Título Original:

UNTO THEE I GRANT

Revisada por Sri Ramatherio

3ª Edição - Junho, 1988

Todos os Direitos Reservados pela

ORDEM ROSACRUZ - AMORC

GRANDE LOJA DO BRASIL

Proibida a reprodução em parte ou no todo.

Composto, revisado e impresso na

Grande Loja do Brasil

Rua Nicarágua, 2620- Bacacheri

Caixa Postal 307 - Tel. (041) 256-6644

80001 - Curitiba – Paraná

Sumário

PREFÁCIO.....	6
A ESTRANHA HISTORIA DESTE LIVRO	6
AUTORIA	13
INSTRUÇÕES PRELIMINARES	17
LIVRO I	19
DAS OBRIGAÇÕES RELATIVAS AO HOMEM COMO INDIVÍDUO	19
CAPÍTULO I: Da Ponderação.....	19
CAPÍTULO II: Da Modéstia	20
CAPÍTULO III: Da Aplicação	22
CAPÍTULO IV: Da Emulação.....	24
CAPÍTULO V: Da Prudência	26
CAPÍTULO VI: Da Fortaleza.....	29
CAPÍTULO VII: Do Contentamento	31
CAPÍTULO VIII: Da Temperança	33
LIVRO II.....	36
DAS PAIXÕES	36
CAPÍTULO I: Da Esperança e do Temor	36
CAPÍTULO II: Da Alegria e da Tristeza	38
CAPÍTULO III: Da Cólera	40
CAPÍTULO IV: Da Piedade	42
CAPÍTULO V: Do Desejo e do Amor.....	44
LIVRO III.....	46
DA MULHER	46
LIVRO IV	49
DA CONSANGÜINIDADE OU DAS RELAÇÕES NATURAIS	49
CAPÍTULO I: O Esposo.....	49
CAPÍTULO II: O Pai	51
CAPÍTULO III: O Filho	53
CAPÍTULO IV: Os Irmãos.....	54
LIVRO V	55
DA PROVIDÊNCIA, OU DAS DIFERENÇAS ACIDENTAIS ENTRE OS HOMENS..	55
CAPÍTULO I: Sábios e Ignorantes.....	55
CAPÍTULO II: Ricos e Pobres	57
CAPÍTULO III: Senhores e Serviçais.....	60
CAPÍTULO IV: Reis e Súditos	61
LIVRO VI	64
DOS DEVERES SOCIAIS	64
CAPÍTULO I: Da Benevolência	64
CAPÍTULO II: Da Justiça.....	66
CAPÍTULO III: Da Caridade	68
CAPÍTULO IV: Da Gratidão.....	69
CAPÍTULO V: Da Sinceridade.....	70
LIVRO VII	72
DA RELIGIÃO	72
LIVRO VIII	76
CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O HOMEM	76
CAPÍTULO I: Da Estrutura do Corpo Humano	76

CAPITULO II: Do Uso dos Sentidos.....	78
CAPITULO III: Da Alma do Homem, sua Origem e seus Afetos.....	80
CAPITULO IV: Do Período e Utilização da Vida Humana.....	84
LIVRO IX.....	89
DO HOMEM CONSIDERADO EM RELAÇÃO A SUAS DEBILIDADES E SEUS EFEITOS.....	89
CAPITULO I: Da Vaidade.....	89
CAPÍTULO II: Da Inconstância.....	92
CAPITULO III: Da Fraqueza.....	96
CAPITULO IV: Da Insuficiência do Conhecimento.....	99
CAPÍTULO V: Do Infortúnio.....	103
CAPITULO VI: Da Capacidade de Julgar.....	106
CAPÍTULO VII: Da Presunção.....	110
LIVRO X.....	114
DAS AFEIÇÕES DO HOMEM, QUE SÃO PREJUDICIAIS PARA ELE E OS DEMAIS	114
CAPITULO I: Da Cobiça.....	114
CAPITULO II: Da Prodigalidade.....	117
CAPÍTULO III: Da Vingança.....	119
CAPÍTULO IV: Da Crueldade, do Ódio e da Inveja.....	123
CAPITULO V: Da Opressão Interior.....	126
LIVRO XI.....	131
DAS VANTAGENS QUE O HOMEM PODE ADQUIRIR SOBRE O SEU SEMELHANTE.....	131
CAPITULO I: Da Nobreza e da Honra.....	131
CAPÍTULO II: Da Ciência e da Cultura.....	135
LIVRO XI.....	138
DAS MANIFESTAÇÕES DO CARMA.....	138
CAPÍTULO I: Da Prosperidade e da Adversidade.....	138
CAPÍTULO II: Da Dor e da Enfermidade.....	141
ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE TERMOS USADOS NESTE MANUSCRITO	142

PREFÁCIO

A ESTRANHA HISTORIA DESTE LIVRO

O prefácio e a introdução do texto original deste livro nos oferecem a seguinte e estranha história sobre a origem, descoberta e tradução desta rara obra mística.

Um cavalheiro inglês que mantinha associação com pessoas de alto nível visitou a China no período compreendido entre 1740 e 1750. Há indícios de que ele fora encarregado pelo Duque de Derby, e outros interessados em explorações históricas e geográficas, de reunir dados e informações especiais que não eram do conhecimento geral na época. Este senhor inglês, evidentemente um brilhante erudito, lingüista e cientista, conseguiu a amizade de vários oficiais importantes. Enviou cartas semanais e bastante extensas, em forma de relatórios, ao grupo de homens da Inglaterra que o haviam encarregado da missão e, em várias ocasiões, enviou extensas cartas de caráter pessoal ao Duque de Derby. Muitos desses documentos tornaram-se marcos de interesse histórico e geográfico; alguns deles foram publicados em forma de livro em 1760, segundo revelam os registros de Londres.

A carta mais importante enviada ao Duque de Derby poderia servir de prefácio para a presente obra, caso o leitor tivesse conhecimento das ocorrências que a precederam. Esta missiva especial foi enviada ao Duque de Derby com o seguinte cabeçalho: "*Pequim, 12 de maio de 1749.*" Nessa missiva, o cavalheiro inglês diz que havia tomado conhecimento de um incidente extremamente interessante e bem recente. Parte da carta dizia o seguinte:

Ao Conde de.. .

Pequim, 12 de maio de 1749.

"Na última carta que tive a honra de escrever a V. Excelência, com data de 23 de dezembro de 1748, penso ter encerrado aquilo que tinha a dizer sobre a topografia e a história natural deste grande império. Meu propósito era de descrever, nesta carta e em outras anotações posteriores, as observações que tive oportunidade de fazer sobre as leis, o tipo de governo, religião e costumes do povo. Mas houve uma ocorrência notável que passou a fazer parte das conversas dos literatos daqui e que poderá fornecer um tema de especulações para os eruditos da Europa"...

"Ligando-se à China no Oeste, há o grande país do Tibete, que alguns chamam de Barantola. Numa província desse país, chamada Lassa, reside o grande Lama ou Sumo Sacerdote, que é reverenciado e até adorado como um deus pela maioria das nações vizinhas. O grande prestígio atribuído a esta sagrada personalidade induz prodigiosos números de pessoas religiosas a se deslocarem para Lassa, a fim de lhe prestarem homenagens e lhe oferecerem presentes, com o objetivo de receberem sua bênção. Sua residência é um pagode ou templo de grande magnificência, construído no topo da montanha Poutala. O sopé da montanha, com todo o distrito de Lassa, é habitado por um incrível número de Lamas de diferentes categorias e ordens, vários dos quais têm grandes pagodes erigidos em sua honra. . . Todo o país, como ocorre na Itália, tem um grande número de sacerdotes; eles subsistem inteiramente por força da abundância de ricos presentes que lhes são enviados das mais remotas regiões da Tartária, do império do Grão-Mogol e de todas as partes das Índias. Quando o Grande Lama recebe a

adoração do povo, é elevado num altar magnífico, no qual se assenta com as pernas cruzadas numa almofada esplêndida. Seus adoradores se prostram diante dele da maneira mais humilde e abjeta, mas ele não retribui com o menor sinal de respeito, nem mesmo aos maiores príncipes; apenas coloca a mão sobre suas cabeças e eles ficam inteiramente convencidos de que assim recebem o pleno perdão por seus pecados. O povo tem também a extravagância de acreditar que o Grande Lama conhece todas as coisas, inclusive os segredos do coração; seus discípulos particulares, **um número selecionado de aproximadamente duzentos**, fazem o povo acreditar que ele é imortal; que sempre que ele aparentemente morre, apenas muda de morada e passa a animar um novo corpo”.

"Os eruditos da China há muito defendem a opinião de que, **nos arquivos deste grande templo**, alguns livros muito antigos permaneceram ocultos por muitas eras; e o atual Imperador, que é extremamente interessado na busca dos escritos da antigüidade, ficou finalmente tão **convencido** da probabilidade desta hipótese que decidiu tentar saber se poderia ser feita alguma descoberta neste campo. Com este objetivo, seu primeiro passo foi procurar uma pessoa eminentemente hábil em línguas antigas. Finalmente, soube de um dos Hanlins, ou Doutores da primeira Ordem, cujo nome era Cao-Tsou, um homem de cerca de cinqüenta anos de idade, de aspecto nobre e grave e grande eloquência e que, devido à amizade acidental com um certo Lama muito culto que residira em Pequim por alguns anos, tinha dominado completamente a língua usada pelos Lamas do Tibete em suas conversas particulares”.

"Com estas qualificações, o Hanlin partiu em sua jornada; e, para emprestar maior peso à sua missão, **o Imperador honrou-o com o título de Cosao**, ou Primeiro-Ministro. A isto ele acrescentou uma magnífica equipagem e um

séquito, com presentes para o Grande Lama e outros Lamas importantes, de imenso valor; enviou também uma carta escrita por suas próprias mãos, com o seguinte Teor”:

(Segue-se aqui a carta escrita pelo Imperador da China em 1747, para o Grande Lama do Tibete, hoje conhecido como Dalai Lama, cuja sede governamental continua a ser Lasa, atualmente Lassa. Podemos facilmente visualizar a cena do mensageiro ou Primeiro-Ministro da corte do Imperador chegando em Lassa. Naturalmente vem à nossa mente a história da visita da Rainha de Sabá ao Rei Salomão, com seus muitos escravos carregando centenas de preciosos presentes. É difícil concebermos que tipos de presentes o Imperador da China poderia ter mandado ao rico e poderoso Grande Lama e que fossem capazes de interessá-lo, pois o Grande Lama estava cercado de riquezas e luxos esplêndidos, vindos de todas as partes do mundo. A carta endereçada ao Grande Lama, entretanto, é interessante. Seu teor, aqui publicado, provém dos registros oficiais.)

"Ao Grande Representante de Deus”.

"O Grande Lama em Lassa”.

"Altíssimo, Santíssimo e Digno de adoração”!

"Nós, Imperador da China, Soberano de todos os Soberanos da terra, na pessoa de nosso mui respeitado Primeiro-Ministro Cao-Tsou, com toda a reverência e humildade nos prostramos aos vossos sagrados pés, e imploramos para nós, nossos amigos e nosso império, vossa mui poderosa e misericordiosa bênção”.

*"Sentindo um forte desejo de pesquisar os registros da antigüidade para aprender e resgatar a **sabedoria das eras passadas**; e tendo sido bem informados*

de que nos **sagrados repositórios** de vossa antiga e venerável hierarquia existem alguns livros valiosos, que por sua grande antigüidade se tornaram para o povo em geral, e até mesmo para os estudiosos, quase que totalmente ininteligíveis; para impedir, tanto quanto seja possível e esteja em nosso poder, que eles sejam totalmente perdidos, julgamos apropriado **autorizar e designar** nosso Mui Sábio e respeitado Primeiro-Ministro Cao-Tsou para que ele leve a termo essa missão junto a Vossa Sublime Santidade. O objetivo e desejo é de que lhe seja permitido ler e examinar os citados escritos; esperamos, por sua grande e rara capacidade, que ele possa **interpretar tudo aquilo que possa encontrar**, ainda que seja **da mais obscura antigüidade**. Nós lhe havemos ordenado que se prostre a vossos pés, e que vos apresente os testemunhos de nosso respeito que possam conceder-lhe a recepção que desejamos."

(Assinada pelo Imperador da China.)

"Não fatigarei V. Excelência com os detalhes de sua jornada, embora ele tenha publicado uma extensa narrativa da mesma, em que abundam os mais surpreendentes relatos... Creio ser suficiente no momento dizer que, ao chegar naqueles sagrados territórios, a magnificência de sua presença e a riqueza de seus presentes não deixaram de lhe propiciar sua imediata admissão. **Foram-lhe concedidos aposentos no sagrado colégio**, e ele foi assistido em suas pesquisas por um dos mais eruditos Lamas. Permaneceu ali perto de seis meses, durante os quais teve a satisfação de encontrar **muitas peças valiosas da antigüidade**; de algumas delas ele retirou excertos muito curiosos..."

"Mas a peça mais valiosa que ele descobriu e que nenhum dos Lamas pudera interpretar ou compreender desde muitas eras, é um completo sistema de

*instrução mística escrita na língua e nos caracteres dos antigos gimnosofistas ou brâmanes. Ele traduziu esta peça em sua totalidade, embora, como ele mesmo confessou, não conseguisse transpor para o idioma chinês a força e sublimidade do original. Os critérios e opiniões dos bonzos e dos sábios doutores estão muito divididos a este respeito. Aqueles que a admiram com maior intensidade **gostam de atribuí-la a Confúcio**, seu grande filósofo... Outros a tomam como obra de Lao-Kium, da seita **Tao-ssee**... Há outros que, por alguns indícios e sentimentos que nela encontram, supõem que tenha sido escrita pelo brâmane Dandamis, cuja famosa carta a Alexandre o Grande foi registrada pelos escritores europeus. O próprio Cao-Tsou parece inclinado a concordar com estes, pelo menos ao ponto de pensar que se trata, realmente, da obra de algum brâmane antigo; ele está totalmente persuadido, pelo espírito com que a peça foi escrita, de que não se trata de uma tradução”.*

*"Mas seja quem for o autor, o grande êxito que tem a obra nesta cidade e em todo o império, a avidez com que ela é lida por todos os tipos de pessoas, e os **altos encômios** que lhe são tributados, **finalmente me levaram a tentar traduzi-la para o inglês**, especialmente porque estou convencido de que seria um presente gratificante para V. Excelência. Mas por uma coisa, entretanto, pode ser necessário pedir desculpas, ou ao menos explicar; falo do estilo e forma em que fiz a tradução. Posso assegurar a V. Excia. que, quando comecei o trabalho, não tinha a menor intenção de fazê-lo na forma em que o fiz; mas o sublime modo de pensar que se percebe na introdução, a grande energia de expressão e a concisão das sentenças, levaram-me naturalmente a esse tipo de estilo”.*

"Se assim como está, a obra vier a oferecer a V. Excia. algum ensinamento, considerar-me-ei extremamente feliz;em minha próxima carta continuarei meu relato sobre este povo e seu império."

"Sou, etc.

(Assinado por um eminente erudito inglês.)

O privilégio de traduzir o antigo manuscrito foi concedido pelo Grande Lama ao Primeiro-Ministro, que passou seis meses no sagrado colégio traduzindo este e outros manuscritos que provavelmente virão à luz em breve. Muitos professores e Altos Iniciados de grande sabedoria auxiliaram o Primeiro-Ministro; quando a tarefa foi completada, o manuscrito traduzido foi levado para o Imperador da China pelo Primeiro-Ministro. Ali, o cavalheiro inglês e seus associados de missão o examinaram e, com a permissão do Imperador da China e dos lingüistas da corte, foi feita uma outra tradução, desta vez para o inglês, com o único propósito de entregar a versão inglesa ao Conde de Derby, como explica a carta que apresentamos.

Tão notável foi essa tradução, e tão incomuns as doutrinas e os ensinamentos nela contidos, que o Conde de Derby autorizou ou permitiu uma reprodução da tradução, em número limitado de exemplares. Estes foram bem encadernados e protegidos, sendo finalmente distribuídos aos altos oficiais e dirigentes de várias organizações místicas secretas que então existiam na Europa.

Uma das cópias foi preservada nos arquivos de uma dessas Fraternidades desde então, e foi usada como base de seus elevados e profundos ensinamentos. O mais alto dignitário dessa Fraternidade percebeu, não faz muito

tempo, que o volume não poderia ser preservado senão por mais alguns anos, pois o antigo papel feito à mão estava ficando amarelecido e quebradiço. Acreditando que existiam centenas de estudantes sinceros das verdadeiras doutrinas do Tibete que gostariam de estudar esta obra rara, ele finalmente deu permissão oficial aos presentes editores para que reproduzissem o livro em sua forma moderna, sem exigir qualquer pagamento ou direitos autorais para si, na posição de proprietário da obra, desde que a mesma fosse reproduzida em sua totalidade, sem modificações de ortografia que pudessem alterar o verdadeiro significado de qualquer sentença ou pensamento.

Foi assim que esta obra rara passou às mãos de seus presentes editores e ora é entregue aos leitores em sua forma moderna.

AUTORIA

O leitor notará, na carta do cavalheiro inglês ao Conde de Derby, que há especulações quanto ao autor do manuscrito original. O Grande Lama e seus associados afirmaram que o manuscrito estivera em seu poder e fora usado como base de seus ensinamentos desde 732 A.D. Eles quiseram dizer que os registros indicavam sua existência naquela época, mas que poderia ter estado na posse de alguns de seus Adeptos e Mestres, fora do Tibete, por muitos anos antes daquela data.

Era natural que os tibetanos atribuíssem o manuscrito a um de seus grandes escritores, como Confúcio ou Lao-Tse, mas à luz da moderna pesquisa e, especialmente, à luz de revelações feitas em escavações no Egito e em Jerusalém nos últimos cem anos, e depois de 1749, quando o exemplar tibetano foi traduzido

para o inglês, podemos perceber claramente que o manuscrito original não foi escrito por Confúcio ou outro autor de seu tempo, de sua nação ou de suas crenças. Por exemplo: uma pessoa nascida no Tibete ou no interior montanhoso da Ásia não estaria familiarizada com rochas na praia e ondas em rebentação (Livro Primeiro, Cap. VI, Parágrafo 6) nem mencionaria criaturas como o crocodilo, que existe no Egito e não no Tibete.

Existem múltiplas indicações na obra, tal como é apresentada nas páginas que se seguem, de que a maior parte foi escrita por Amenhotep IV, Faraó do Egito, no período de 1360 a 1350 a.C, ou mais tarde, por algum de seus sucessores na grande escola de misticismo por ele fundada no Egito.

A consulta a qualquer enciclopédia revelará o fato de que este Faraó contrariou os ensinamentos dos sacerdotes e a adoração de ídolos ao estabelecer uma religião mística monoteísta; todas as autoridades de história da religião apontam para ele como o primeiro homem do mundo civilizado a proclamar a crença em um só Deus; com justiça, ele foi considerado "*o maior modernista de todos os tempos*". Fundou um culto ou uma Fraternidade Secreta baseada nesta religião mística, na cidade que mandou construir e denominou **Aquetaton**.

Recentes traduções de escritos descobertos em paredes e colunas de seu templo místico no Egito mostram, por exemplo, que ele foi o autor das belas passagens incorporadas à Bíblia Cristã com o título de "Salmo cento e quatro"; muitos escritos sagrados do Oriente foram definitivamente comprovados como provenientes de sua escola e Fraternidade.

Não há dúvida de que cópias de suas doutrinas e ensinamentos usados no Egito daquele tempo chegaram a Jerusalém e outras partes do mundo pelo

êxodo dos judeus; muitas provas foram encontradas demonstrando que os elevados ensinamentos místicos deste Faraó do Egito e seus seguidores serviram de base para cultos e escolas como a dos Essênios, à qual pertenceu o Mestre Jesus e que mais tarde evoluiu para uma fraternidade conhecida pelo nome de "*Irmãos da Rosa-Cruz*" ou os *Rosacruz*es citados por Lord Bulwer-Lytton em seu livro "*Zanoni*", e por muitos outros que se dedicaram a este tipo de pesquisa, como Francis Bacon, que foi o chefe da Ordem dos Rosacruz em toda a Europa continental.

A probabilidade desta autoria torna esta obra uma das mais importantes contribuições à literatura sacra e uma das mais interessantes publicações no campo dos ensinamentos místicos, que apareceu nos últimos séculos. Reproduzimos a seguir a concessão e privilégio oficial para a publicação deste livro em forma moderna, pela organização secreta cujo dirigente possui o único exemplar completo que se conhece.

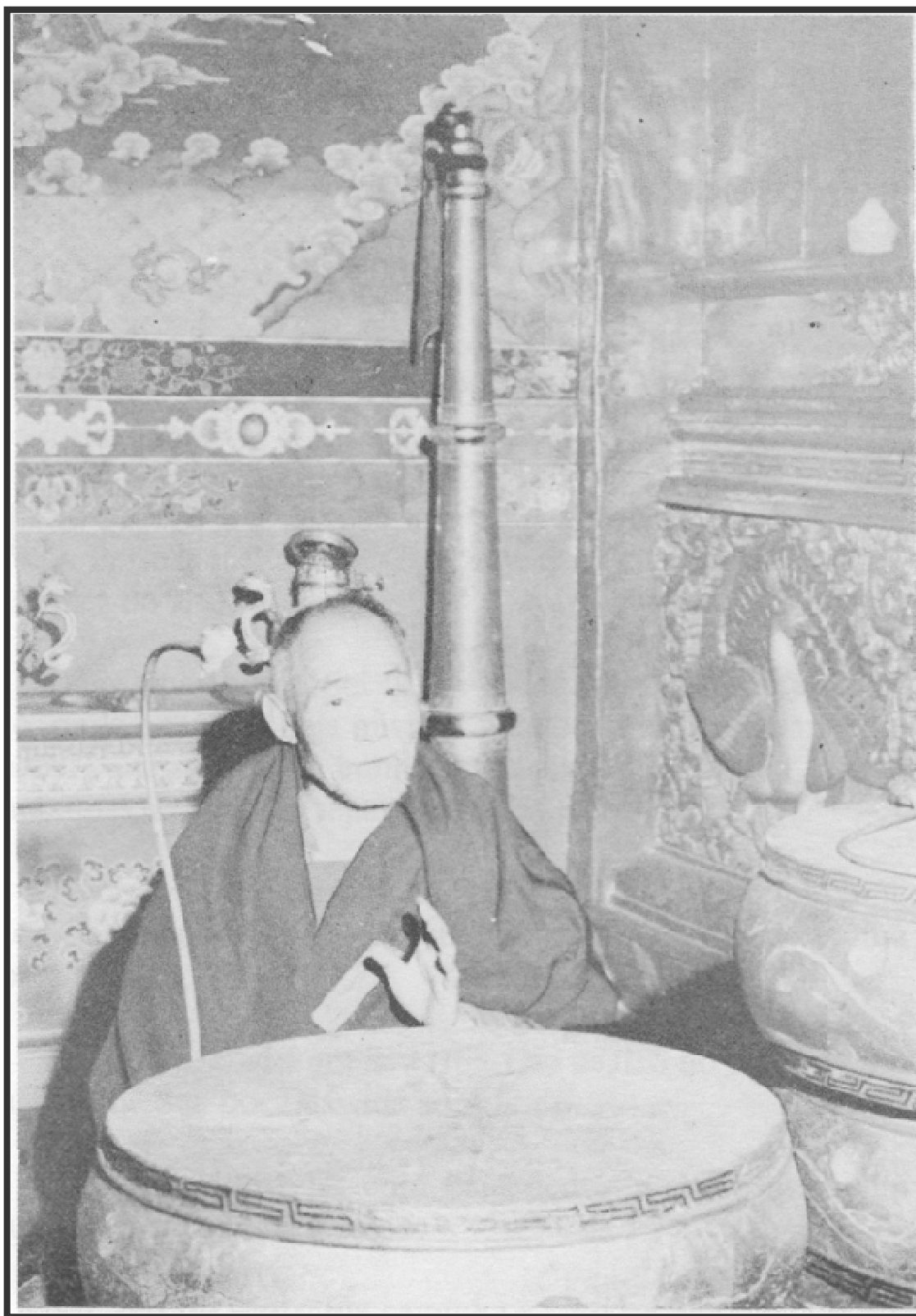
Solicitamos a atenção dos leitores para as notas do tradutor a respeito de termos e frases usados neste trabalho, no final do último capítulo.

Os editores desejam expressar seus permanentes agradecimentos e sua apreciação ao Sr. e Sra. J.B.C., de Vancouver, Canadá, por sua valiosa ajuda na preparação desta obra.

OS EDITORES

San Francisco, Califórnia, U.S.A.

Vinte de maio, mil novecentos e vinte e cinco.



TAMBOR CERIMONIAL

Em um recesso do santuário interior, este Lama bate ritmicamente num tambor ornamentado, para convocar à oração. (Foto da Expedição Fotográfica da AMORC)

INSTRUÇÕES PRELIMINARES

CURVAI vossa cabeça ao pó, ó habitantes da Terra! Permanecei silentes e recebei com reverência estas instruções do alto.

Onde quer que o Sol brilhe, onde quer que sopra o vento, onde quer que haja ouvidos para ouvir e mente para conceber, que se dêem a conhecer os preceitos da vida, que as máximas da verdade sejam honradas e obedecidas.

Todas as coisas provêm de Deus. Seu poder não tem limites. Sua sabedoria é para a eternidade, Sua bondade perdura para sempre.

Ele está sentado em Seu trono no centro do universo e o hausto de Sua boca dá vida ao mundo.

Ele toca as estrelas com Seus dedos, e elas prosseguem jubilosamente em seu curso.

Nas asas do vento Ele caminha e cumpre Sua vontade em todas as regiões do ilimitado espaço.

Ordem, graça e beleza emanam de Suas mãos.

A voz da sabedoria fala em todas as Suas obras; mas a mente mortal não a compreende.

A sombra do conhecimento mortal perpassa o cérebro do homem como um sonho; ele vê como se estivesse nas trevas; raciocina e se engana.

Mas a sabedoria de Deus é como a Luz do Céu; não requer a razão; Sua mente é a fonte da verdade.

Justiça e misericórdia esperam diante de Seu trono; benevolência e amor iluminam Suas feições para sempre.

Quem se iguala a Deus em glória? Quem pode rivalizar com o Todo-Poderoso em poder? Terá Ele algum igual em sabedoria? Poderá alguém ser comparado a Ele em bondade? Não há nenhum outro diante Dele!

Foi Ele, ó homem! quem te criou; tua presente situação na Terra foi estabelecida por Suas Leis; os poderes de tua mente são dádivas de Sua Bondade e as maravilhas de tua constituição são obra de Sua mão; tua Alma é Sua Alma; tua consciência, Sua consciência.

Ouve portanto Sua voz, pois é cheia de graça; aquele que obedecer estabelecerá em sua mente a Paz Profunda, e levará perene crescimento à Alma que em seu corpo habita, estado após estado, nesta Terra.

Com estas instruções, portanto,

A VÓS CONFIO

A ECONOMIA DA VIDA

O MESTRE

LIVRO I

DAS OBRIGAÇÕES RELATIVAS AO HOMEM COMO INDIVÍDUO

CAPITULO I: Da Ponderação

COMUNGA contigo mesmo, ó homem! e considera por que foste criado.

Contempla teus poderes, contempla tuas necessidades e tuas relações; desta forma descobrirás os deveres da vida e serás orientado em todos os teus caminhos

Não comeces a falar ou agir antes que tenhas pesado tuas palavras e examinado a direção de cada passo que pretendes dar; assim, a desgraça fugirá de ti, e em tua casa a vergonha será desconhecida; o arrependimento não te visitará, nem a tristeza pousará em tua face nesta vida e em muitas outras vidas futuras.

O homem irrefletido não refreia sua língua; fala a esmo e se embaraça na insensatez de suas próprias palavras.

Assim como aquele que corre apressadamente e salta por cima de uma cerca pode cair num fosso que talvez haja do outro lado e ele não tenha visto, assim ocorre com o homem que se lança bruscamente à ação sem ter considerado suas conseqüências e a compensação que a Lei exige.

Escuta, portanto, a voz da Ponderação; suas são as palavras da sabedoria, e seus caminhos te conduzem à segurança e à verdade.

CAPÍTULO II: Da Modéstia

Quem és tu, ó homem! que te orgulhas de tua própria sabedoria? Por que te gabas daquilo que adquiriste?

O primeiro passo para a sabedoria é saber que nasceste mortalmente ignorante; para que não sejas julgado insensato na opinião dos demais, rejeita o desatino de te julgares sábio em tua própria mortalidade.

Assim como um vestuário simples adorna melhor uma mulher formosa, também o comportamento modesto é o maior ornamento da sabedoria interior.

A fala do homem modesto dá lustro à verdade, a modéstia de suas palavras absorve seu erro.

Ele não confia em sua mortal sabedoria; pesa bem os conselhos de um amigo e deles colhe benefício.

Afasta seus ouvidos do louvor a si mesmo e nele não crê; é o último a descobrir suas próprias perfeições.

Contudo, como o véu que realça a formosura, suas virtudes são destacadas contra a sombra que sua modéstia sobre elas projeta.

Mas contempla o homem vaidoso, observa o arrogante; ele se cobre com ricos atavios, caminha pela via pública, lança os olhos ao redor e corteja a observação dos demais.

Ele ergue orgulhosamente a cabeça e menospreza os pobres; trata seus inferiores com insolência e seus superiores, por outro lado, riem de seu orgulho e sua insensatez.

Ele despreza o julgamento dos outros; confia em sua própria opinião e se confunde.

Está cheio da vaidade de sua imaginação; seu deleite está em falar e ouvir falar de sua pessoa o dia inteiro.

Engole com aidez os louvores e o adulator por sua vez o devora.

CAPÍTULO III: Da Aplicação

Como os dias que passaram se foram para sempre, e os dias futuros poderão não chegar a ti no estado presente de teu ser, cabe a ti, ó homem! fazer uso do estado presente sem lamentar a perda do que já passou e sem depender demais do que ainda virá; pois nada podes saber de teus futuros estados, exceto o que tuas ações de agora disponham para eles.

Este momento é teu; o momento seguinte encontra-se no ventre do futuro e não sabes o que te pode trazer; a maturidade do que não nasceu está na observância da Lei.

Cada estado futuro é aquilo que crias no presente.

Tudo que decidires fazer, realiza-o imediatamente. Não deixes para a tarde o que puderes realizar pela manhã.

A indolência é a mãe da carência e da dor; mas o trabalho pelo Bem gera prazer.

A mão da diligência derrota a necessidade; a prosperidade e o sucesso acompanham o homem industrioso.

Quem é aquele que adquiriu riqueza, que elevou-se ao poder, ataviou-se com honras, de quem toda a cidade fala com louvor e que se coloca diante do rei em seu Conselho? Somente aquele que expulsou a indolência de sua casa e disse: "*Ociosidade, és minha inimiga.*"

Ele cedo deixa o leito e tarde se recolhe; exercita a mente pela contemplação, o corpo pela ação e preserva a saúde de ambos.

O homem ocioso é uma carga para si próprio, as horas lhe pesam na cabeça; ele perambula e não sabe o que fazer.

Seus dias passam como a sombra de uma nuvem; ele não deixa nenhum sinal que o recorde.

Seu corpo adoece por falta de exercício e, embora deseje agir, não tem poder para mover-se; sua mente está obscurecida; seus pensamentos, confusos; ele aspira pelo conhecimento mas não tem diligência.

Gostaria de comer a amêndoa mas detesta o trabalho de quebrar sua casca.

Sua casa está em desordem, seus servos desperdiçam e tumultuam, e ele caminha para a ruína; vê tudo isto com seus olhos, ouve com seus ouvidos, sacode a cabeça e deseja, mas não tem resolução; e assim a ruína cairá sobre ele como um turbilhão, e a vergonha e o arrependimento descerão com ele ao túmulo.

Contudo, chegará o dia em que tua Alma retornará dos Céus, juntará o pó e o animará.

CAPÍTULO IV: Da Emulação

Se teu coração tem sede de honradas, se teus ouvidos sentem prazer na voz do louvor, eleva teu Eu mortal do pó de que foste feito; e eleva teu propósito a alguma coisa digna de encômios.

O carvalho que ora estende seus ramos para o céu já foi apenas uma semente nas entranhas da terra. Esforça-te para ser o primeiro no teu ofício, seja ele qual for; não permitas que nenhum outro te suplante no bom procedimento; contudo, não invejes os méritos alheios e aperfeiçoa teus próprios talentos.

Abstém-te também de depreciar teu competidor por qualquer método desonesto ou indigno; antes, esforça-te para te elevares acima dele unicamente tornando a ti mesmo superior; assim, tua luta pela superioridade será coroada com honra, ainda que não o seja pelo triunfo.

Pela emulação virtuosa o espírito do homem é exaltado; ele anseia pela fama e se rejubila como o cavalo que se apresta para a corrida.

Ele se ergue como a palmeira, a despeito da opressão; como a águia no Armamento celeste, voa nas alturas e fixa o olhar nas glórias do Sol.

Os exemplos de homens eminentes povoam sua visão à noite ;é seu deleite segui-los durante todo o dia.

Ele concebe grandes projetos, rejubila-se em sua execução, seu nome alcança os confins do mundo.

Mas o coração do homem invejoso é fel e amargura; sua língua cospe veneno; o sucesso de seu vizinho destrói seu repouso.

Ele senta-se aflito em sua alcova; o bem que a um outro ocorre para ele representa um malefício.

O ódio e a malevolência se alimentam de seu coração e ele não tem descanso.

Não sente no peito o amor pelo bem e por isto julga que seu semelhante é assim também.

Empenha-se em rebaixar os que são melhores que ele, e a tudo que fazem empresta uma interpretação maldosa.

Fica em vigília e medita sobre maldades; mas a repulsa dos homens o persegue e ele é esmagado como a aranha em sua própria teia.

CAPITULO V: Da Prudência

Ouve as palavras da prudência, atenta para seus conselhos e guarda-os em teu coração; suas máximas são universais e todas as virtudes nela se apóiam; ela é guia e senhora da vida humana.

Põe um freio em tua língua; põe uma guarda diante de teus lábios, para que as palavras de tua boca não destruam tua paz.

Que aquele que zomba do coxo não venha também a coxear; aquele que fale com prazer das faltas alheias ouvirá falar de suas próprias faltas com amargura no coração.

Da fala excessiva vem o arrependimento, mas no silêncio existe segurança.

O homem tagarela é um incômodo para a sociedade; os ouvidos estão fartos de sua loquacidade, a torrente de suas palavras inunda a conversação.

Não te gabes de ti mesmo, porque isto lançará desprezo sobre ti; nem zombes de outros, pois isto é perigoso.

A pilhéria mordaz é o veneno da amizade, e aquele que não refrear a língua terá dificuldades.

Encontra para ti as acomodações adequadas à tua condição; contudo, não gastes o máximo que possas; que a previdência de tua juventude seja um conforto em tua velhice.

Que teus próprios afazeres ocupem tua atenção; deixa os cuidados do Estado a quem o governa.

Que tuas recreações não sejam caras, para que o esforço de adquiri-las não exceda o prazer de sua fruição.

Não deixes que a prosperidade arranque os olhos da circunspecção, nem que a abundância corte as mãos da frugalidade; aquele que se entregar por demais às superfluidades da vida viverá para lamentar a falta do que é necessário.

Da experiência dos demais adquire sabedoria e de seus sentimentos aprende a corrigir tuas próprias falhas.

Não confies em homem algum antes de o teres testado; contudo, não desconfies sem razão, pois isto seria intolerância.

Mas quando tiveres provas de que um homem é honesto, guarda-o em teu coração como um tesouro; considera-o como uma jóia de inestimável valor.

Recusa os favores do homem mercenário ;eles serão uma armadilha para ti; jamais te verias livre de obrigação.

Não utilizes hoje o que possas necessitar amanhã; nem deixes ao acaso aquilo que a providência possa te dar ou que o cuidado possa evitar.

Mas não esperes nem mesmo da prudência um triunfo infalível; pois o homem não sabe o que a noite pode trazer.

Nem sempre o tolo é desafortunado e nem sempre o homem sábio é infalível; contudo, nunca o tolo teve o deleite completo, nem o sábio foi inteiramente infeliz.

CAPITULO VI: Da Fortaleza

Perigos, infortúnios, necessidades, dores e padecimentos, isto é o que, a mais ou a menos, aguarda com certeza todo homem que vem ao mundo.

Cabe a ti, portanto, ó filho da calamidade! fortalecer desde cedo tua mente, com coragem e paciência, para que possas suportar com a devida resolução a parte dos males humanos que te espera.

Assim como o camelo suporta o labor, a canícula, a fome e a sede pelos desertos de areia, e não sucumbe, assim a fortaleza do homem o sustenta através de todos os perigos.

O espírito nobre desdenha as adversidades da fortuna; sua grandeza de alma está em não desfalecer.

Ele não deixa que sua felicidade dependa dos sorrisos da sorte e, por isto, não desanima quando ela lhe franze o cenho.

Como a rocha na praia, ele se mantém firme, e a rebentação das ondas não o perturba.

Ele ergue a cabeça como uma torre sobre a colina, e as flechas da fortuna caem a seus pés.

No momento do perigo, a coragem de seu coração o sustenta e a firmeza de sua mente o mantém incólume.

Ele enfrenta os males da vida como o homem que vai para uma batalha e retorna com a vitória nas mãos.

Diante da pressão das desgraças, sua calma alivia seu peso e sua constância as sobrepuja.

Mas o espírito pusilânime do homem timorato o atraícoa, entregando-o à vergonha.

Encolhendo-se diante da pobreza, curva-se até a mesquinhez; e, ao suportar documente os insultos, abre caminho à injúria.

Assim como os juncos que são sacudidos pela brisa, a sombra do mal o faz tremer.

Em horas de perigo ele fica embaraçado e confuso; em dias de infortúnio cai e sua Alma é arrebatada pelo desespero.

CAPITULO VII: Do Contentamento

Não esqueças, ó homem! que tua presente estadia na Terra foi decretada pela sabedoria do Eterno que conhece teu coração, vê a futilidade de todos os teus desejos e, muitas vezes, por misericórdia nega tuas súplicas.

Contudo, para todos os desejos razoáveis, para todos os esforços honestos, Sua benevolência estabeleceu uma probabilidade de sucesso na natureza das coisas.

Na inquietude que sentes, nos infortúnios que deploras, busca a raiz de onde brotam tua própria insensatez, teu próprio orgulho, tua própria fantasia desvairada.

Não murmures, portanto, contra o que Deus dispõe, mas corrige, isto sim, teu próprio coração; nem digas para ti mesmo: se eu tivesse riqueza, ou poder, ou lazer, seria feliz; porque deves saber que todas estas coisas levam a seu possuidor suas inconveniências peculiares.

O homem pobre não enxerga os aborrecimentos e ansiedades dos ricos, não sente as dificuldades e perplexidades do poder, nem conhece o fastio do ócio; por isto lamenta sua própria sorte.

Não invejes a aparência de felicidade de qualquer homem, pois não conheces suas mágoas secretas.

Estar satisfeito com pouco, eis a grande sabedoria; aquele que aumenta suas riquezas aumenta seus cuidados; mas a mente satisfeita é um tesouro oculto que não é atingido pelas calamidades.

No entanto, se não consentes que as seduções da fortuna te roubem a justiça, a temperança, a caridade e a modéstia, nem as riquezas te farão infeliz.

Disto podes aprender que a taça da felicidade, pura e sem misturas, não é de modo algum uma bebida destinada ao homem mortal.

O Bem é o caminho que Deus lhe ordenou que percorresse, com a felicidade como prêmio, ao qual ninguém pode chegar antes de terminar seu percurso para receber sua coroa nas mansões da eternidade.

CAPITULO VIII: Da Temperança

A aproximação maior que podes ter da felicidade é gozar o dom celestial da compreensão e da saúde.

Se possuis estas bênçãos e desejas preservá-las até a velhice, evita as seduições da Volúpia e fuge de suas tentações.

Quando a Volúpia expõe seus manjares sobre a mesa, quando seu vinho cintila na taça, quando ela sorri para ti e te persuade a seres alegre e feliz, esta é a hora do perigo; que tua Razão esteja firme e vigilante.

Porque se escutas as palavras da Adversária, és enganado e traído.

A alegria que ela te promete se transforma em loucura, e seus prazeres levam a enfermidades e à morte.

Lança os olhos sobre sua mesa, examina seus convivas e observa os que foram seduzidos por seus sorrisos e ouviram suas tentações.

Não estão empobrecidos? Não estão enfermiços? Não estão sem ânimo?

Suas breves horas de jocosidade e excessos são seguidas de tediosos dias de dor e desencanto. A Volúpia corrompeu e estragou seus apetites e eles agora não podem gozar de seus mais encantadores atrativos; seus partidários converteram-se em suas vítimas; são estas as conseqüências justas e naturais que Deus ordenou, na constituição das coisas, como punição para aqueles que abusam de Seus dons.

Mas quem é aquela que com graciosos passos e com atitude airosa caminha pela planície?

A rosa pôs seu rubor em sua face, a doçura da manhã está em seu hálito; a alegria, temperada de inocência e modéstia, brilha em seus olhos e ela canta o júbilo de seu coração enquanto caminha.

Seu nome é Saúde. Ela é filha da disciplina, que a gerou na Temperança, cujos filhos habitam nas montanhas que se estendem pelas regiões setentrionais de San Ton Hoe.

Eles são bravos, ativos e vivazes; compartilham de todas as belezas e virtudes de sua irmã.

O vigor circula por seus nervos, a fortaleza está em seus ossos, o trabalho é o seu prazer durante todo o dia.

As atividades de seu pai excitam seus apetites, e os re-pastos de sua mãe os retemperam.

O combate às paixões é seu deleite; dominar hábitos nocivos é sua glória.

Seus prazeres são moderados e por isto duradouros; seu repouso é breve, porém, profundo e sem perturbações.

Seu sangue é puro, sua mente serena, e o médico não conhece o caminho de sua casa.

Mas a segurança não habita com os filhos do homem, nem se pode encontrar segurança dentro de seus portais.

Observa como eles são expostos a novos perigos do exterior, enquanto um traidor interno procura entregá-los.

Sua saúde, força, beleza e atividade despertaram o desejo no seio do Amor lascivo.

A paixão libidinosa posta-se em sua alcova, corteja os seus olhares e espalha suas tentações.

Seus membros são macios e delicados, sua roupagem é solta e convidativa, a devassidão fala por seus olhos e em seu seio aconchega-se a Tentação. Ela lhes acena com as mãos, procura seduzi-los com sua aparência e, pela suavidade de sua língua, empenha-se em iludi-los.

Ah! foge de suas seduições, fecha os ouvidos a suas palavras de encantamento. Se acatares a languidez de seu olhar, se ouvires a suavidade de sua voz, se ela te enredar em seus braços, há de te prender com suas correntes para sempre.

A ela se seguirão a vergonha, a doença, a penúria, a preocupação e o arrependimento.

Debilitada pelos folguedos, mimada pela luxúria, esgotada pela preguiça, a fortaleza abandonará teus membros e a saúde deixará teu corpo. Teus dias serão poucos e sem glória; teus sofrimentos serão muitos e não encontrarão compaixão.

LIVRO II

DAS PAIXÕES

CAPÍTULO I: Da Esperança e do Temor

AS promessas da Esperança são mais doces que a rosa em botão, e muito mais sedutoras em sua expectativa, mas as ameaças do Medo são uma cruz sobre a qual é sacrificada a rosa.

Entretanto, não deixes que a Esperança te enfeitece, nem o Medo te impeça de fazer o que é correto; assim estarás preparado para enfrentar todos os acontecimentos com a mente equilibrada.

Os terrores, inclusive da morte, não trazem proveito; aquele que não comete o mal nada tem a temer.

Em todos os teus empreendimentos, permite que uma certeza razoável anime teus esforços; se desesperares do sucesso, não triunfarás.

Não aterrorizes tua Alma com vãos temores, nem deixes que teu coração sucumba por causa dos fantasmas da imaginação.

Do Medo provém a desgraça; aquele que tem esperança, ajuda a si mesmo.

Assim como o avestruz enterra a cabeça quando perseguido, mas esquece o corpo, assim os temores do covarde o expõem ao perigo.

Se acreditas que uma coisa é impossível, teu desânimo assim a faz; mas aquele que persevera predomina sobre todas as dificuldades.

A esperança vã agrada ao coração do insensato; mas aquele que é sábio não a persegue.

Em todos os teus desejos, permite que a razão te acompanhe, e não fixes tuas esperanças além dos limites da probabilidade; desta forma, o triunfo acompanhará tua empresa, teu coração não será humilhado pelas decepções.

CAPITULO II: Da Alegria e da Tristeza

Não deixes que teu contentamento seja extravagante a ponto de embriagar tua mente, nem que tua tristeza seja pesada a ponto de deprimir teu coração. Este mundo não comporta um bem tão arrebatador, nem inflige um mal tão grave, que possa te elevar demasiado acima ou te fazer afundar demasiado abaixo do equilíbrio da moderação.

Olha! ali adiante encontra-se a Casa da Alegria. Ela está pintada por fora e parece divertida; podes perceber isto pelo contínuo ruído de risos e exultação que dela se faz ouvir.

Sua proprietária está à porta e chama em voz alta todos os transeuntes; ela canta e clama, e ri sem cessar.

Ela os convida a entrar e provar os prazeres da vida, dizendo-lhes que em nenhum outro lugar senão ali podem eles ser encontrados.

Mas não cruzes sua porta sem cuidado; não te associes com os que freqüentam essa casa, indevida e imoralmente.

Eles chamam a si mesmos filhos da Alegria, riem e parecem cheios de prazer; mas a loucura e a insensatez marcam todos os seus atos.

Estão de mãos dadas com a iniquidade e seus passos conduzem ao mal. Os perigos os cercam e o poço da destruição se escancara sob seus pés.

Olha agora para o outro lado e contempla, naquele vale ensombrecido pelas árvores, oculta dos olhos humanos, a Casa da Tristeza.

Seu seio se agita com suspiros, sua boca está cheia de lamentações; ela se deleita com o tema da miséria humana.

Observa os incidentes comuns da vida e chora; a fraqueza e maldade do homem é o tema de sua fala.

Para ela, toda a natureza está cheia do mal, cada objeto que contempla está tingido pelo desalento de sua própria mente, e a voz do queixume entristece sua morada dia e noite.

Não te aproximes de sua cela; seu hálito é contagioso; ela destruirá os frutos e fará murchar as flores que adoçam e adornam o jardim da vida.

Ao evitares a casa da Alegria, não deixes que teus pés te traiam e te levem às cercanias desta outra mansão funesta; mas segue com cuidado o caminho do meio, que te levará por uma subida suave à pérgula da Tranqüilidade.

Com esta vive a paz, com ela habitam a segurança e o contentamento. Ela é alegre mas não é desregrada; é séria, porém, não é sisuda; vê as alegrias e tristezas da vida com olhar firme e equilibrado.

De seu lugar, como de uma elevação, verás a insensatez e o infortúnio daqueles que, levados pela devassidão de seu coração, adotaram a morada dos companheiros do gozo e da licenciosa alegria; ou dos que, contagiados pelo desânimo e pela melancolia, passam os dias lamentando as desgraças e aflições da vida humana.

Deves olhar para eles de modo compreensivo, e o erro de sua trilha evitará que teus pés percam a direção.

CAPÍTULO III: Da Cólera

Assim como a ventania arranca árvores, em sua fúria, e deforma a face da natureza; assim como o terremoto destrói cidades inteiras com suas convulsões, assim a cólera de um homem enfurecido causa danos ao seu redor.

O perigo e a destruição estão em suas mãos.

Mas reflete, sem esqueceres tua própria fraqueza; assim, perdoarás as falhas alheias.

Não te entregues à paixão da Cólera; isto é como afiares a espada para ferir teu próprio peito ou para matar teu amigo.

Se suportares provocações leves, isto te será creditado como sabedoria; se as apagares de tua mente, teu coração não te reprovará.

Não vês que o homem colérico perde a compreensão? Enquanto estiveres ainda em teu juízo, deixa que a fúria de outro te sirva de lição.

Nada faças quando estiveres exaltado. Por que te lançadas ao mar na violência de uma tempestade?

Se é difícil controlar tua ira, sábio será evitá-la; foge, portanto, de todas as ocasiões de sentir cólera, ou guarda-te contra elas sempre que ocorrerem.

O tolo é provocado por palavras insolentes, mas o homem sábio delas ri com desprezo.

Não abrigues a vingança em teu peito; ela atormentará teu coração e desbotará tuas melhores tendências.

Estejas sempre mais pronto a perdoar que a retribuir uma ofensa; aquele que fica à espreita de uma oportunidade de vingança, espreita a si mesmo, e atrai o mal sobre sua própria cabeça.

A resposta suave para um homem irado abate seu ardor, como a água lançada sobre o fogo; de inimigo, ele passará a ser teu amigo.

Reflete sobre quão poucas coisas merecem tua cólera e ficarás assombrado de que se entregue à cólera quem não seja louco.

A cólera começa sempre com uma insensatez ou fraqueza; mas lembra bem e guarda esta certeza: a cólera raramente acaba sem arrependimento.

A vergonha persegue os passos da insensatez; atrás da cólera está sempre o remorso.

CAPITULO IV: Da Piedade

Assim como as flores são espargidas sobre a terra pela mão da primavera, assim como a generosidade do verão produz com perfeição a abundância das colheitas; assim também o sorriso da piedade derrama bênçãos sobre os filhos da desgraça.

Aquele que tem compaixão do outro recomenda-se a si mesmo; aquele que é destituído de piedade não a merece.

O carnicheiro não se detém ante o balido da ovelha, nem o coração do homem cruel se comove com o sofrimento.

Mas as lágrimas compassivas são mais doces que as gotas de orvalho que caem das rosas no seio da primavera.

Não tapes teus ouvidos contra os lamentos dos pobres, portanto; nem endureças teu coração contra os flagelos dos inocentes.

Quando o órfão clamar por ti, quando o coração da viúva estiver cheio de amargura e ela implorar teu auxílio com lágrimas de tristeza, tem piedade de sua aflição e estende tua mão aos que não têm quem os ampare.

Quando avistares o maltrapilho que vaga pelas ruas, trêmulo de frio, sem teto que o abrigue, deixa que a generosidade abra teu coração, deixa que as asas da caridade o salvem da morte, para que tua própria Alma possa viver.

Quando o pobre geme em seu leito de enfermo, quando o infeliz se estiola nos horrores do cárcere, ou a cabeça encanecida do velho eleva um olhar

débil em busca de piedade; oh, como podes desfrutar de supérfluos deleites,
indiferente a seus apelos, insensível a seus infortúnios?

CAPITULO V: Do Desejo e do Amor

Cuida-te, ó jovem, cuida-te das seduções da lascívia, e não permitas que a meretriz te induza aos excessos de seus prazeres.

A loucura do desejo frustrará seus próprios objetivos; da cegueira de seu ímpeto serás lançado à destruição.

Portanto, não entregues teu coração a suas doces instigações; nem deixes que teu coração seja escravizado por suas encantadoras ilusões.

A fonte da saúde, que é de onde procede a torrente do prazer, em breve secará, e toda a fonte de alegria ficará exaurida.

No auge de tua vida, a velhice te alcançará; teu sol declinará na manhã"de teus dias.

Mas quando a virtude e a modéstia iluminam seus encantos, o brilho de uma bela mulher é mais radioso que as estrelas do céu; é inútil resistir à influência de seu poder.

A alvura de seu peito transcende a do lírio; seu sorriso tem mais delícias que um jardim de rosas.

A inocência de seu olhar é como a da pombinha, a simplicidade e a verdade habitam em seu coração.

Os beijos de sua boca são mais doces que o mel; os perfumes da Arábia exalam de seus lábios.

Não feches teu peito à ternura do amor; a pureza de sua chama enobrecerá teu coração e o suavizará para receber as mais formosas impressões.

LIVRO III

DA MULHER

ESCU**TA**, formosa filha do amor, as instruções da prudência, e deixa que os preceitos da verdade penetrem bem fundo em teu coração; assim, os encantos de tua mente darão mais lustro à elegância de tuas formas; tua beleza, tal como a rosa, guardará sua doçura mesmo depois de ter murchado. Na primavera de tua juventude, na manhã de teus dias, quando os homens te olham com deleite, e a natureza murmura em teus ouvidos o significado de seus olhares, ah! ouve com cautela suas palavras sedutoras, guarda bem teu coração e não ouve sua voz suave e persuasiva.

Lembra que és a companheira razoável do homem, não a escrava de sua paixão; a finalidade de teu ser não é de simplesmente gratificar seu licencioso desejo, e sim de ajudá-lo nas lutas da vida, acalmá-lo com tua ternura e recompensar suas atenções com doce solicitude.

Quem é aquela que conquista o coração do homem, que o subjuga ao amor e reina em seu peito?

Olha! Ali vai ela com virginal doçura, com a inocência em sua mente e o pudor em sua face.

Suas mãos buscam ocupação, seus pés não se comprazem no perambular ocioso.

Veste-se com bem cuidada simplicidade, alimenta-se com temperança; humildade e mansidão são como uma coroa de glória cingindo sua cabeça.

Sua voz é música, a doçura do mel flui de seus lábios.

O recato está em todas as suas palavras; em suas respostas há brandura e verdade.

Submissão e obediência são as lições de sua vida; paz e felicidade são sua recompensa.

Adiante de seus passos caminha a prudência; a virtude guarda sua mão direita.

Seu olhar revela suavidade e amor; mas a discrição, com seu cetro, repousa em sua fronte.

A língua do licencioso se cala em sua presença; o respeito à sua virtude o mantém calado.

Quando grassa o escândalo e a fama de sua vizinha corre de boca em boca, se a caridade e a boa índole não falam por sua boca, o dedo do silêncio lhe sela os lábios.

Seu peito é a mansão da bondade e por isto ela não suspeita de que haja maldade nos outros.

Feliz será o homem que a tome por esposa; feliz a criança que a chamará de mãe.

Ela preside a casa e nela há paz; comanda com critério e é obedecida.

Levanta-se pela manhã, reflete sobre seus assuntos e indica a cada um seus deveres.

O cuidado de sua família é todo o seu deleite e somente a isto ela aplica seu empenho; a elegância mesclada à frugalidade está presente em sua casa.

A prudência de sua administração é uma honra para seu marido, e ela ouve os louvores com secreta alegria.

Ela infunde sabedoria na mente de seus filhos; molda seu comportamento pelo exemplo de sua própria bondade.

A palavra de sua boca é a lei de seus filhos, o movimento de seus olhos leva-os à obediência.

Ela fala e seus serviços voam; ela aponta e a tarefa é cumprida; pois a lei do amor está em seus corações, sua bondade empresta asas a seus pés.

Na prosperidade não se envaidece, na adversidade cura os ferimentos do destino com paciência.

As dificuldades de seu esposo são aliviadas por seus conselhos e suavizadas por suas carícias; ele descansa o coração em seu regaço e recebe conforto.

Feliz o homem que a tornou sua esposa; feliz a criança que a chama de mãe.

LIVRO IV

DA CONSANGÜINIDADE OU DAS RELAÇÕES NATURAIS

CAPITULO I: O Esposo

ACEITA para ti uma esposa e obedece os decretos de Deus; toma para ti uma esposa e torna-te um fiel membro da sociedade.

Mas examina com cuidado e não te resolves bruscamente. De tua presente escolha depende tua felicidade futura.

Se ela perde muito tempo com trajes e adornos; se está enamorada da própria beleza e se delicia com louvores; se ri muito e fala alto; se seus pés não permanecem na casa de seu pai e seus olhos ousadamente passeiam pelo rosto dos homens; ainda que sua beleza seja como o Sol no Armamento do céu, desvia os olhos de seus encantos, desvia os pés de seu caminho e não permitas que tua mente caia na armadilha das seduções da imaginação.

Mas quando tiveres encontrado um coração sensível aliado à suavidade de modos, uma mente educada e uma forma agradável ao teu gosto, leva-a para habitar em tua casa; ela é digna de ser tua amiga, tua companheira na vida, a esposa de teu coração.

Oh, dá-lhe valor, considera-a uma bênção que o Céu te enviou; que a bondade de tua conduta te faça querido ao seu coração.

Ela é a senhora de tua casa; portanto, trata-a com respeito, para que teus servos a obedeçam.

Não te oponhas a seus desejos sem motivo; ela partilha de teus cuidados, faz dela também a companheira de teus prazeres.

Reprova suas faltas com brandura, não exijas sua obediência com rigor.

Confia teus segredos a seu coração; seus conselhos são sinceros, não serás iludido.

Sê fiel a seu leito; pois ela é a mãe de teus filhos.

Quando a dor e a enfermidade a assaltarem, que tua ternura suavize sua aflição; um teu olhar de compaixão e amor aliviará seu sofrimento ou mitigará sua dor, e será mais valioso que dez médicos.

Considera a fragilidade de seu sexo, a delicadeza de sua constituição; não sejas severo com sua fraqueza e lembra-te de tuas próprias imperfeições.

CAPITULO II: O Pai

Tu que és pai, reflete na importância do que te foi confiado; tens o dever de sustentar o que produziste.

De ti também depende se a criança de teu peito será uma bênção ou uma maldição para ti; um membro útil, ou sem valor algum na comunidade.

Prepara-o desde cedo com a instrução e tempera sua mente com as máximas da verdade.

Observa suas inclinações, mostra-lhe o caminho certo desde a juventude; não permitas que hábitos maus ganhem força com o correr de seus anos.

Assim, ele crescerá como o cedro na montanha; sua cabeça poderá ser vista acima das árvores da floresta.

Um mau filho é uma censura a seu pai; mas aquele que age bem honra seus cabelos brancos.

O solo é teu, não deixes que fique sem cultivo; a semente que plantares, esta também colherás.

Ensina-lhe a obediência e ele te abençoará; ensina-lhe a modéstia, e ele não se envergonhará.

Ensina-lhe a gratidão e ele receberá benefícios; ensina-lhe a caridade e ele ganhará amor.

Ensina-lhe a temperança e ele terá saúde; ensina-lhe a prudência, e a fortuna lhe advirá.

Ensina-lhe a justiça e ele será honrado pelo mundo; ensina-lhe sinceridade e seu coração não te reprovará.

Ensina-lhe a diligência e suas riquezas aumentarão; ensina-lhe a benevolência e sua mente será enaltecida.

Ensina-lhe a ciência e sua vida será útil; ensina-lhe a religião e sua morte será feliz.

CAPITULO III: O Filho

Que o homem aprenda a sabedoria com as criaturas de Deus, e aplique a si mesmo as instruções que delas provêm.

Vai ao deserto, meu filho; observa o filhote da cegonha e deixa que fale ao teu coração; ele carrega nas asas seu pai envelhecido, acomoda-o em lugar seguro e lhe traz alimento.

A piedade de um filho é mais doce que o incenso da Pérsia que se oferece ao Sol; sim, mais delicioso que os olores que se evolvem de um campo de especiarias árabes por força do vento soprado do oeste.

Sê, pois, grato a teu pai, pois ele te deu a vida; e também a tua mãe, pois ela te deu sustento.

Ouve as palavras de sua boca, pois são para teu bem; dá ouvidos a seus conselhos, pois eles procedem do amor.

Ele velou pelo teu bem-estar, trabalhou para teu conforto; honra portanto seus anos, e não permitas que seus cabelos brancos sejam tratados com irreverência.

Não esqueças de tua infância e seu desamparo, nem da petulância de tua juventude, e sê indulgente para com as enfermidades de teus pais envelhecidos; ajuda-os e sustenta-os no declínio da vida.

Assim, suas cabeças encanecidas irão para o túmulo em paz; e teus próprios filhos, reverenciando teu exemplo, retribuirão tua piedade com amor filial.

CAPÍTULO IV: Os Irmãos

Sois filhos do mesmo pai, sustentados por seus cuidados; o peito da mesma mãe vos nutriu.

Permite que os laços do afeto, portanto, te unam a teus irmãos, para que a paz e a felicidade habitem na casa de teu pai.

E quando vos separardes neste mundo, lembra o elo que vos une em amor e unidade; não concedas maior preferência a um estranho que a teu próprio sangue.

Se teu irmão está na adversidade, socorre-o; se tua irmã está em dificuldades, não a abandones.

Assim a fortuna de teu pai contribuirá para sustentar toda a tua raça; e seus cuidados se perpetuarão entre vós, em vosso mútuo amor.

LIVRO V

DA PROVIDÊNCIA, OU DAS DIFERENÇAS ACIDENTAIS ENTRE OS HOMENS

CAPITULO I: Sábios e Ignorantes

AS alegrias da compreensão são os tesouros de Deus; Ele assinala a cada um sua parte, na medida que Lhe pareça melhor.

Dotou-te Ele de sabedoria? Iluminou tua mente com o conhecimento da verdade? Transmite-a ao ignorante, para sua instrução; comunica-a ao sábio, para teu próprio progresso.

A verdadeira sabedoria presume menos que a insensatez. O homem sábio freqüentemente duvida e muda de idéia; o tolo é obstinado e não duvida; ele conhece todas as coisas menos sua própria ignorância.

O orgulho da mente vazia é uma abominação; a tagarelice é a insensatez do desatino; entretanto, uma parte da sabedoria está em suportar com paciência estas impertinências e ter piedade de seus disparates.

No entanto, não fiques cheio de tua própria vaidade, nem te vanglories de tua compreensão superior; o mais límpido conhecimento humano não passa de cegueira e loucura.

O homem sábio sente suas imperfeições e é humilde; em vão se esforça por obter sua própria aprovação; mas o tolo olha o raso regato de sua própria mente

e se compraz nos seixos que vê ao fundo; ele os apanha e os exhibe como se fossem pérolas; deleita-se com o aplauso de seus semelhantes.

Ele se vangloria de feitos que não têm valor, mas daquilo que é uma vergonha ignorar ele nada sabe.

Mesmo nas sendas da sabedoria ele persegue a insensatez; vergonha e desapontamento são a recompensa de seu esforço.

Mas o homem sábio cultiva sua mente com os conhecimentos; seu prazer é o progresso das artes, e sua utilidade para a sociedade coroa-o de honrarias.

Não obstante, alcançar a virtude é o que ele considera a mais elevada sabedoria, e a ciência da felicidade é o estudo de sua própria vida.

CAPÍTULO II: Ricos e Pobres

O homem a quem Deus concedeu riquezas e outorgou uma inteligência que as empregue corretamente é um ser especialmente favorecido e de elevada distinção.

Ele contempla sua riqueza com prazer, porque esta lhe oferece meios de fazer o bem.

Protege os pobres desamparados; não permite que os poderosos oprimam os fracos.

Procura quem possa merecer sua compaixão, informa-se sobre suas necessidades, e as alivia com critério e sem ostentação.

Ele ajuda e recompensa o mérito; estimula o talento e liberalmente promove todo empenho útil.

Realiza grandes obras, seu país enriquece, o trabalhador encontra emprego; ele forja novos planos e as artes se desenvolvem.

Considera que o supérfluo em sua mesa pertence aos pobres da vizinhança, e não os defrauda.

A benevolência de sua mente não encontra obstáculo em sua fortuna; por isto ele se regozija com suas riquezas e sua alegria é inocente.

Mas desgraçado daquele que acumula riquezas em abundância e sozinho se rejubila por sua posse; que faz crisar-se o rosto do pobre sem considerar o suor de seu rosto.

Ele viceja na opressão sem qualquer sentimento; a ruína de seu próximo não o perturba.

Ele bebe as lágrimas do órfão como se fossem leite; os gritos lamentosos da viúva são música para seus ouvidos.

Seu coração está endurecido pelo amor da riqueza; nenhuma dor ou pena lhe causa impressão.

Mas a maldição da iniquidade o persegue; ele vive em contínuo temor; a ansiedade de sua mente, e os desejos gananciosos de sua própria Alma nele se vingam, pelas calamidades que levou aos demais.

Ah, que são os sofrimentos da pobreza comparados com o que rói o coração deste homem!

Que o homem pobre se conforte, sim, que se rejubile; pois tem muitos motivos.

Ele senta-se para comer seu bocado em paz, sua mesa não está apinhada de adutores e devoradores.

Não é embaraçado por uma multidão de dependentes, nem perturbado pelos clamores das solicitações.

Carecendo dos petiscos dos ricos, ele escapa de seus desassossegos.

Não é saboroso o pão que ele come? Não é agradável à sua sede a água que bebe? Sim, mais deliciosa é esta água que as mais caras poções dos luxuriosos.

Seu trabalho conserva-o saudável e lhe proporciona um repouso que não conhece o leito macio do indolente.

Ele restringe seus desejos com humildade; a calma do contentamento é mais doce para sua Alma que todas as aquisições da riqueza e da pompa.

Que o rico, portanto, não se vanglorie de suas posses, nem o pobre se entregue à depressão por sua pobreza; pois a providência de Deus concede a ambos a felicidade.

CAPÍTULO III: Senhores e Serviçais

Não te aflijas, ó homem, por teu estado de serviçal; ele é da vontade de Deus e oferece muitas vantagens; afasta de ti os cuidados e exigências da vida.

A honra de um servidor é sua fidelidade; suas maiores virtudes são a submissão e a obediência.

Sê paciente, portanto, com as queixas de teu senhor; quando te repreender, não lhe retruques; o silêncio de tua resignação não será esquecido.

Sê um estudioso dos interesses dele, diligente em seus assuntos e fiel à confiança que deposita em ti.

Teu tempo e teu trabalho lhe pertencem; não o defraudes, pois ele te paga por ambos.

E tu, que és o amo, sê justo com teu servidor, se dele esperas fidelidade; e sê razoável em tuas ordens, se desejas pronta obediência.

O espírito do homem está nele; a severidade e o rigor podem suscitar o medo, mas jamais inspirarão seu amor.

Combina a bondade com a censura e argumenta com autoridade. Assim, tuas admoestações encontrarão eco em seu coração e seu dever se tornará um prazer.

Ele te servirá fielmente por causa da gratidão; ele te obedecerá alegremente pelo princípio do amor; e tu, em troca, não deixes de dar à diligência e à fidelidade a devida recompensa.

CAPÍTULO IV: Reis e Súditos

Ó tu! favorito do Céu, a quem os filhos dos homens, teus iguais, concordaram em elevar ao poder soberano e te colocaram acima deles como governante; considera as finalidades e a importância do que te confiaram, muito mais que a dignidade e a altura de tua posição.

Teus atavios são de púrpura e estás sentado num trono; a coroa da majestade cinge tuas têmporas, o cetro do poder está em tuas mãos; mas estas insígnias não foram dadas para ti mesmo, e sim para o bem de teu reino.

A glória de um rei é a felicidade de seu povo; seu poder e domínio repousam no coração de seus súditos.

A mente de um grande príncipe é enaltecida pela grandiosidade de sua posição; ele resolve assuntos elevados e busca o que seja digno de seu poder.

Reúne os sábios de seu reino, consulta-os com liberdade e ouve a opinião de todos.

Encara seu povo com discernimento, descobre as capacidades dos homens e os emprega de acordo com seus méritos.

Seus magistrados são justos, seus ministros sábios e o favorito de seu coração não o ilude.

Ele aprova as artes e estas florescem; as ciências progridem com o cultivo de suas mãos.

Ele se deleita com os súditos cultos e os criativos; desperta em seu peito a emulação e a glória de seu reino é enaltecida por seus labores.

O espírito do mercador que amplia seu comércio; a habilidade do fazendeiro que enriquece suas terras; a criatividade do artista, o progresso do sábio; a todos estes ele honra com seu favor ou recompensa com sua generosidade.

Ele implanta novas colônias, constrói embarcações sólidas, abre os rios para maior conveniência, estabelece portos para maior segurança; seu povo abunda em riquezas e a força de seu reino aumenta.

Ele estabelece seus estatutos com equidade e sabedoria, seus súditos usufruem dos frutos de seu trabalho, com segurança; e sua felicidade consiste na observância da lei.

Ele fundamenta seus julgamentos nos princípios da misericórdia; mas é estrito e imparcial na punição dos culpados.

Seus ouvidos estão abertos às reclamações de seus súditos; ele segura a mão de seus opressores e os livra da tirania.

Seu povo, portanto, nele vê um pai, com reverência e amor; o povo o considera o guardião de tudo o que desfruta.

Sua afeição por ele gera em seu peito o amor pelo que é público; a segurança da felicidade de todos é o objeto de seus cuidados.

Nenhum murmúrio contra ele surge no coração dos súditos; as maquinações de seus inimigos não põem o Estado em perigo.

Seus súditos são fiéis e firmes na defesa de sua causa; postam-se em atitude de defesa como um muro de bronze; o exército dos tiranos foge deles como palha ao vento.

Paz e segurança pairam como uma bênção sobre as casas dos cidadãos; glória e poder cercam seu trono para sempre.

LIVRO VI

DOS DEVERES SOCIAIS

CAPITULO I: Da Benevolência

QUANDO considerares tuas necessidades, quando contemples tuas imperfeições, reconhece a Sua bondade, ó filho da humanidade! Ele te honrou com a razão, concedeu-te o dom da fala, colocou-te na sociedade para receber e dar ajuda, mutuamente, e cumprir recíprocas obrigações.

Teu alimento, tuas roupas, a comodidade de tua moradia; a proteção contra os danos, o gozo dos confortos e prazeres da vida; tudo isto deves à ajuda de outros e não poderias usufruir disto senão nos laços da sociedade.

É teu dever, portanto, ser amigo da humanidade, como é de teu interesse que o homem seja teu amigo.

Assim como a rosa exala a doçura de sua própria natureza, assim o coração do homem benevolente produz boas obras.

Ele se deleita com a paz e tranqüilidade de seu próprio coração e se regozija com a felicidade e prosperidade de seu próximo.

Não dá ouvidos à calúnia; as fraquezas e os erros dos homens provocam dor em seu coração.

Seu desejo é fazer o bem, e busca as ocasiões para fazê-lo; ao remover a opressão de um outro, ele alivia a si mesmo.

Na amplidão de sua mente ele abrange, com sua sabedoria, a felicidade de todos os homens; na generosidade de seu coração ele se esforça em promovê-la.

CAPITULO II: Da Justiça

A paz social depende da justiça; a felicidade do indivíduo depende da certeza de gozar em paz as suas posses.

Conserva os desejos de teu coração, portanto, nos limites da moderação; deixa que a mão da justiça os mantenha na direção certa.

Não lances olhos invejosos aos bens de teu vizinho; que tudo que lhe pertence seja sagrado para tua mão.

Não permitas que a tentação te seduza, que qualquer provocação te incite a levantar a mão causando risco de vida.

Não difames o caráter do teu próximo; não levantes falso testemunho contra ele.

Não corrompas seu servo para que o engane ou abandone e, quanto à esposa de seu coração, não a tentes ao pecado!

Isto seria uma dor em seu coração que não poderias aliviar; um dano em sua vida que nenhuma compensação poderia reparar.

Em teus negócios com os homens, sê justo e imparcial, e age com eles como gostarias que agissem contigo.

Sê leal à sua confiança, não enganes o homem que confiou em ti; estejas certo de que, aos olhos de Deus, é menos maléfico roubar que trair.

Não oprimas os pobres, nem roubes do trabalhador o seu emprego.

Quando venderes algo com a intenção de lucro, ouve os sussurros de tua consciência e fica satisfeito com moderação; nem tires da ignorância do comprador qualquer vantagem.

Paga as tuas dívidas, pois aquele que te deu crédito confiou em tua honra; tirar dele o que lhe cabe é mesquinho e injusto.

Finalmente, ó filho da sociedade! examina teu coração, pede o auxílio da memória; se em qualquer destas transações perceberes que cometeste uma transgressão, que a tristeza e a vergonha te advenham e faças a reparação imediata, ao máximo que estiver ao teu alcance.

CAPÍTULO III: Da Caridade

Feliz o homem que plantou em seu peito as sementes da benevolência; pois elas produzirão caridade e amor.

Da fonte de seu coração fluirão rios de bondade, que transbordarão para o benefício da humanidade.

Ele socorre os pobres em suas dificuldades e se regozija em incrementar a prosperidade de todos.

Não censura seu vizinho, não crê em histórias de inveja e maledicência, nem repete suas calúnias.

Perdoa as injúrias dos homens, apaga-as de sua lembrança; vingança e malícia não encontram abrigo em seu coração.

Ele não paga o mal com o mal; não odeia sequer seus inimigos, mas perdoa sua injustiça com amistosa advertência.

As dores e ansiedades dos homens suscitam sua compaixão; ele se esforça para aliviar o peso de suas desgraças, e o prazer de ser bem-sucedido recompensa seu labor.

Ele acalma a fúria, apazigua as querelas de homens irados, e impede os estragos da luta e da animosidade.

Promove em sua vizinhança a paz e a boa vontade; seu nome é repetido com bênçãos e louvores.

CAPÍTULO IV: Da Gratidão

Assim como os ramos da árvore devolvem a seiva à raiz de onde ela proveio; como o rio derrama sua corrente no mar de onde proveio sua fonte, assim o coração do homem agradecido se deleita em retribuir o benefício recebido.

Ele reconhece sua obrigação com alegria; olha seu benfeitor com amor e estima.

Se a retribuição não está em seu poder, ele nutre a lembrança do benefício em seu peito, com bondade, e não o esquece por toda a sua vida.

A mão do homem generoso é como as nuvens do céu, que, regando a terra, produzem frutos, ervas e flores; mas o coração do ingrato é como o deserto cuja areia engole com avidez as flores que caem e as enterra em seu seio sem nada produzir.

Não invejes teu benfeitor, nem te esforces por ocultar o benefício que te prestou; pois embora seja melhor dar que receber, embora a generosidade desperte admiração, a humildade da gratidão toca o coração e é agradável tanto aos olhos de Deus como dos homens.

Mas guarda-te de receber um favor das mãos do orgulhoso; não devas coisa alguma ao egoísta e ao avaro; a vaidade do orgulho te exporá à vergonha, a cobiça do usurário jamais será satisfeita.

CAPÍTULO V: Da Sinceridade

Ó tu que estás enamorado das belezas da Verdade, e fixaste teu coração na simplicidade de seus encantos, apegate a tua fidelidade e não a abandones; a constância de tua virtude te coroará de glória.

A língua do homem sincero tem raízes em seu coração; a hipocrisia e a falsidade não encontram lugar em suas palavras.

Ele se ruboriza ante a mentira e se confunde; mas, ao falar a verdade, seu olhar se mantém firme.

Ele porta como homem a dignidade de seu caráter e se recusa a curvar-se às artes da hipocrisia.

Tem confiança em si mesmo; nunca se embaraça; tem coragem suficiente para dizer a verdade, mas a mentira lhe causa temor.

Coloca-se acima da mesquinha dissimulação; estuda o que é correto e fala com discrição.

Aconselha com amizade; reprovava com liberdade, e tudo que promete certamente será cumprido.

Mas o coração do hipócrita fica oculto em seu peito; ele disfarça suas palavras com a aparência da verdade, enquanto o propósito de sua vida é iludir.

Ele ri na dor, chora na alegria; as palavras de sua boca não têm interpretação.

Age na escuridão como a toupeira e imagina estar seguro; mas sai por engano para a luz e fica exposto, com a lama sobre sua cabeça.

Ele passa os dias em perpétuo tormento; sua língua e seu coração vivem em contradição.

Procura a aparência de homem correto e se envolve nos pensamentos de sua astúcia.

Ó insensato, insensato! Os esforços que fazes para ocultar o que és são muito mais penosos do que os esforços que terias de fazer para seres o que desejas aparentar; os filhos da sabedoria escarnecerão de tua astúcia quando, certo de estares seguro, teu disfarce for desfeito e o dedo do ridículo te apontar com desprezo.

LIVRO VII

DA RELIGIÃO

SÓ existe um Deus, autor, criador e dirigente do mundo, todo-poderoso, eterno e incompreensível.

O Sol não é Deus, embora seja Sua imagem mais nobre; ele ilumina o mundo com sua radiossidade, seu calor dá vida aos produtos da terra; admira-o como criatura e instrumento de Deus, mas não o reverencies.

Àquele que é supremo, infinitamente sábio e benévolo, e só a Ele, pertencem a adoração, a reverência, a ação de graças e os louvores.

Ele estendeu o céu com Suas mãos e inscreveu com Seu dedo o curso das estrelas.

Impôs limites ao oceano, que este não pode transgredir; e disse aos ventos tempestuosos: acalmai-vos.

Ele sacode a Terra e as nações tremem; lança Seus raios e os maus se apavoram.

Convoca mundos com a palavra de Sua boca.

A providência de Deus é vista em todas as Suas obras; Ele rege e dirige com infinita sabedoria.

Ele instituiu leis para governar o mundo; variou-as de maneira maravilhosa em todos os aspectos e cada uma, por sua natureza, conforma-se à Sua vontade.

Nas profundezas de Sua mente, Ele trabalha com perfeito Conhecimento; os segredos do futuro estão abertos diante Dele.

Os pensamentos de teu coração estão desnudos diante de Sua vista; Ele conhece tuas resoluções antes de serem tomadas.

Com respeito à Sua presciência, nada é incerto; com respeito à Sua providência, nada é acidental.

Maravilhoso é Ele em todos os Seus caminhos; Seus propósitos são inescrutáveis; a natureza de Seu conhecimento transcende a tua concepção.

Presta à Sua sabedoria, portanto, toda honra e veneração; curva-te em humilde e submissa obediência à Sua suprema vontade.

Deus é benigno e cheio de misericórdia; Ele criou o mundo com bondade e amor.

Sua bondade se evidencia em todas as Suas obras; Ele é a fonte da excelência, o centro da perfeição.

As criaturas que Sua mão criou declaram Sua bondade, e seu regozijo canta em Seu louvor; Ele as veste de beleza, sustenta-as com alimento, preserva-as com prazer de geração em geração.

Se elevamos os olhos ao céu, Sua glória brilha diante de nós; se voltamos os olhos para a terra, ela está cheia de Sua benignidade; as colinas e os vales se rejubilam e cantam; campos, rios e florestas ressoam em louvor a Ele.

Mas tu, ó homem! foste distinguido com especial favor; Ele te enalteceu acima de todas as criaturas.

Concedeu-te a razão, para manteres teu domínio; dotou-te de linguagem, para aperfeiçoar tua sociedade; e elevou tua mente com os poderes da meditação, para que possas contemplar e adorar Suas inimitáveis perfeições.

Nas leis que Ele ordenou para regular tua vida, tão amorosamente combinou teu dever com tua natureza que a obediência a Seus preceitos é tua felicidade.

Louva Sua bondade com cânticos de agradecimento e medita em silêncio sobre as maravilhas de Seu amor; que teu coração transborde de gratidão e reconhecimento, que as palavras de tua boca falem de louvor e adoração, que as ações de tua vida mostrem teu amor por Sua lei.

Deus é justo e certo e julgará a Terra com eqüidade e verdade.

Tendo estabelecido Suas leis com bondade e misericórdia, não punirá Ele seus transgressores?

Não penses, homem atrevido, que por demorar-se teu castigo tenha se enfraquecido o braço de Deus; nem te iludas com a esperança de que Ele deixará passar tuas ações.

Seu olhar penetra os segredos de cada coração e Ele os registra para sempre; a Ele não importam as pessoas ou a posição dos homens.

Os importantes e os humildes, os ricos e os pobres, os sábios e os ignorantes, quando suas Almas tiverem se livrado dos incômodos grilhões desta vida mortal, logo receberão da Grande Lei de Deus a justa e eterna compensação, segundo suas obras.

Então o mau aprenderá e fará compensação no decurso do tempo; mas o coração do justo se rejubilará em Suas recompensas.

Em todos os dias de tua vida, portanto, respeita teu Deus, e palmilha os caminhos que Ele abriu diante de ti. Deixa que a prudência te aconselhe, que a temperança te refreie, que a justiça guie tua mão, que a benevolência aqueça teu coração e a gratidão ao céu te inspire com devoção. Isto te dará felicidade em teu estado presente e futuro e te conduzirá às mansões da eterna felicidade no paraíso de Deus.

Essa é a verdadeira Economia da Vida Humana.

* * * * *

Fim da Primeira Parte

LIVRO VIII

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O HOMEM

CAPITULO I: Da Estrutura do Corpo Humano

IGNORANTE e inferior que és, ó homem! Humilde como deverias ser, Ó filho do pó! queres elevar teus pensamentos até a infinita sabedoria? Desejas ver a onipotência estendida à tua frente? Contempla tua própria estrutura.

Admirável e maravilhosamente foste feito; louva pois teu Criador com admiração e regozija-te diante Dele com reverência.

Por que motivo serias tu a única criatura ereta entre as demais, senão para contemplar Suas obras! Por que deverias contemplá-las, senão para mostrar tua admiração? Por que deverias admirá-las, senão para que reverenciasses Aquele que as criou e também a ti?

Por que motivo em ti repousa a consciência? E de onde vem ela a ti?

Não está na carne o pensar, não está nos ossos o raciocínio. O leão ignora que os vermes o devorarão; o boi não percebe que é alimentado para ser levado ao matadouro.

Existe algo que é acrescentado a ti, diferente daquilo que podes ver; algo anima o barro de teu corpo e é superior a tudo o que afeta teus sentidos. Que algo é este?

Teu corpo continua a ser matéria perfeita após ter este ALGO partido; portanto, isso não faz parte do corpo; é imaterial e, logo, é eterno; é livre para agir e, portanto, é responsável por suas ações.

Conhece o asno a utilidade do alimento só porque seus dentes mastigam as ervas? Anda o crocodilo ereto por ter a espinha tão reta quanto a tua?

Deus te formou, assim como formou essas criaturas; Ele te formou depois delas; superioridade e domínio sobre todas elas te foram concedidos, e com Seu próprio alento Ele te comunicou tua essência consciente.

Conhece-te a ti mesmo; és o orgulho de Sua criação, o elo entre divindade e matéria; contempla uma parte do próprio Deus em teu interior; lembra tua própria dignidade e não ouses descer até o mal e a baixeza.

Quem implantou o terror nos dentes da serpente? Quem concedeu ao cavalo o ímpeto do trovão? Foi Ele quem o fez e te instruiu a esmagar a serpente com os pés e domar o cavalo para teus propósitos.

CAPITULO II: Do Uso dos Sentidos

Não te vanglories de teu corpo porque foi formado primeiro; nem de tua mente porque nela reside tua Alma. Não será o dono da casa mais honorável que suas paredes?

O solo deve ser trabalhado antes que nele se semeie o grão; o oleiro deve construir seu forno antes que possa fabricar sua louça.

Assim como o alento do céu diz às águas do oceano: "desta forma rolarão tuas vagas, e de nenhuma outra; até esta altura e a nenhuma outra elevarão elas sua fúria", deixa que tua Alma, ó homem, impulsione e dirija tua carne; deixa, pois, que ela reprima teus ímpetos.

Tua Alma é a rainha de teu corpo; não permitas que seus súditos se rebelem contra ela.

Teu corpo é como o orbe da terra; teus ossos, os pilares que o sustentam em sua base.

Assim como o oceano faz nascer as fontes, cujas águas de novo retornam ao seu seio através dos rios, assim flui tua força vital do coração para o exterior, e de novo retorna ao seu lugar.

Não mantêm ambos o seu curso eternamente? Eis que o mesmo Deus os criou e ordenou.

Não constitui teu nariz um canal para os perfumes? Não é tua boca o caminho para as iguarias delicadas? Aprende, entretanto, que os perfumes exalados

por muito tempo se tornam ofensivos, e que os manjares arruínam o apetite a que agradam.

Não são teus olhos as sentinelas avançadas que vigiam por ti? Contudo, com que freqüência não sabem distinguir a verdade do erro?

Deixa que tua Alma predomine, ensina teu espírito a estar atento à sua obra; assim, esses ministros serão sempre transmissores de vida para ti.

Não é tua mão um milagre? Encontras na criação algo que lhe seja semelhante? Por que te seria concedida, senão para que pudesses estendê-la para amparar teu irmão?

Por que, entre todos os seres vivos, és o único dotado da capacidade de ruborizar-se? o mundo poderá ler tua vergonha em tua face; portanto, nada faças que seja vergonhoso.

Temor e consternação, por que roubam de tuas feições seu róseo esplendor? Evita a culpa, e saberás que o medo está abaixo de ti, e que a consternação é indigna de um varão.

Por que somente a ti falam sombras, nas visões de tua mente? Presta-lhes reverência; deves saber que elas procedem do alto.

Somente tu, homem, és capaz de falar. Maravilha-te ante esta gloriosa prerrogativa; retribui a Ele que a concedeu o louvor racional e agradável, ensinando a teus filhos a sabedoria, instruindo na piedade o fruto de tuas entranhas.

CAPITULO III: Da Alma do Homem, sua Origem e seus Afetos

Ó homem! as bênçãos de tua parte exterior são a saúde, o vigor e a proporção.

A maior delas é a saúde. A saúde é para o corpo o que a honestidade é para a Alma.

O fato de que tens uma Alma, entre todos os conhecimentos é o mais certo, de todas as verdades a mais límpida. Sê humilde e agradecido por ela. Não tentes senti-la perfeitamente, mas comunga com ela.

Pensamento, compreensão, raciocínio, vontade; não chames de Alma a tais coisas! Elas são ações da Alma, mas não sua essência.

Busca a Alma através de suas faculdades, conhece-a por suas virtudes, pois são mais numerosas que os cabelos em tua cabeça; por elas não podem ser contadas as estrelas do céu.

Por acaso não endurece o Sol o barro e também amolece a cera? Assim como o mesmo Sol causa as duas coisas, a mesma Alma pode desejar coisas contrárias.

Assim como a Lua conserva sua natureza ainda que as trevas se estendam sobre sua face como uma cortina, também a Alma permanece perfeita, mesmo encerrada no peito de um insensato.

Ela é imortal; imutável; uma no todo. A saúde chama-a para que mostre seus encantos, a diligência unge-a com o óleo da sabedoria.

Ela viverá depois de ti; não debes pensar que nasceu contigo. Foi instituída para tua carne e formada junto com tua mente.

A justiça não permitiu que ela te fosse dada cheia de exaltadas virtudes; a misericórdia não permitiu que ela te fosse entregue deformada pelos vícios. Isto cabe a ti e debes responder por isto com tua consciência exterior.

Não debes supor que a morte possa te salvar da compensação; não penses que a corrupção possa te esconder de inquisições. Aquele que te formou não sabes de quê, julgas que não poderá tirar-te de novo daquilo de que nada conheces?

Não percebe o galo quando chega a meia-noite? Não eleva ele sua voz para te dizer que já amanhece o dia? Não conhece o cão o passo de seu dono? Não corre o cabrito ferido para as ervas que lhe trarão a cura? Contudo, quando morrem, sua Alma não o sabe; somente tua Alma sobreviverá com mente e consciência.

Não invejes os animais por seus sentidos mais apurados que os teus; aprende que a vantagem está, não em possuir boas coisas, mas, em saber utilizá-las.

Se tivesses o ouvido do veado, se fossem teus olhos tão fortes e penetrantes como os da águia, se igualasses o perdigueiro em olfato, se pudesse o macaco emprestar-te seu paladar, a tartaruga seu tato, de que te serviria tudo isto sem a razão? Não sucumbem todos eles e seus iguais?

Possui algum deles o dom da fala? Pode um deles dizer-te por que faz o que faz?

Os lábios do sábio são como as portas de uma câmara; nem bem são abertas e seus tesouros se espalham diante de ti.

Como árvores de ouro em um campo de prata são as sábias sentenças pronunciadas no devido tempo.

Podes pensar com suficiente grandeza em tua Alma? Há louvores suficientes para ela? A Alma é a essência Daquele que a concedeu.

Guarda a lembrança de sua dignidade para sempre; nunca esqueças o grande talento confiado à tua guarda.

Tudo que possa fazer o bem também pode fazer o mal; cuida para que dirijas seu curso para a virtude.

Não penses que podes perder a Alma na multidão; não suponhas que podes ocultá-la em teu armário. A ação é seu deleite e ela não se deixará afastar da ação.

Seu movimento é perpétuo; seus esforços são universais; seu potencial de ação não pode ser suprimido. Se estiver na mais longínqua parte da Terra, ela o encontrará; se estiver além da região das estrelas, seu olhar o descobrirá.

A busca é sua delícia. Assim como o homem que caminha pelo deserto em busca de água, assim a Alma tem sede de conhecimento.

Tal como a espada na mão de um louco é a Alma para aquele que carece de discernimento.

A finalidade de sua busca é a verdade; seus meios de encontrá-la são a razão e a experiência. Mas não serão estas coisas frágeis, incertas e falaciosas? Como então alcançar a verdade?

A opinião geral não é prova da verdade; pois a maioria dos homens é ignorante.

A percepção de ti mesmo, o conhecimento Daquele que te criou, o sentimento de adoração que sentes por Ele, não está tudo isto claro a teus olhos? Responde: que mais existe que precisas saber?

CAPITULO IV: Do Período e Utilização da Vida Humana

A vida é para o coração do homem o que é o olho da manhã para a cotovia, a sombra do entardecer para a coruja, o mel para a abelha, a carcaça para o abutre.

A vida, ainda que brilhante, não ofusca; embora obscura, não desagrada; ainda que doce, não enfastia; embora se corrompa, não provoca aversão; no entanto, quem conhece seu verdadeiro valor?

Aprende a estimar a vida corretamente; então estarás próximo do pináculo da sabedoria.

Não penses como os tolos, que dizem nada haver de mais valioso; nem acredites nos pretensos sábios que afirmam que deves condená-la. O amor não existe para si mesmo, mas para o bem que possa fazer a outros.

O ouro não pode comprar a vida para ti, nem uma mina de diamantes pode trazer de volta o momento que dela perdeste. Emprega o momento seguinte com virtude.

Não deves dizer que seria melhor se não tivesses nascido; ou que, tendo nascido, teria sido melhor morrer cedo; nem ouses perguntar ao Criador "*que mal haveria se eu não existisse?*" O bem está a teu alcance, e mesmo que tua pergunta for justa, eis que te condena.

Engoliria a isca o peixe se soubesse do anzol nela escondido? Cairia o leão na emboscada se soubesse que fora preparada para ele? Da mesma forma, fosse a Alma perecer com este barro, o homem não desejaria viver, nem um Deus

misericordioso o teria criado; reconhece, portanto, que viverás muitas e muitas vezes.

Tal como o pássaro encerrado na gaiola antes de vê-la, que não lacera a carne contra suas grades, assim também não deveras tentar fugir inutilmente do estado em que te encontras; aceita o que te foi atribuído e contenta-te com isto.

Embora os caminhos da vida não sejam planos, não são totalmente penosos. Acomoda-te a tudo; e onde perceberes menos aparências do mal, suspeita do maior perigo.

Quando teu leito é de palha, dormes com segurança. Mas quando repousares sobre rosas, cuida-te dos espinhos!

Uma morte nobre é melhor que uma vida de maldades; esforça-te, portanto, para viveres tanto quanto deves e não quanto queiras. Enquanto tua vida tiver mais valor para os outros do que tua morte, será teu dever preservá-la.

Não lamentes como o insensato o pouco tempo que tens; lembra-te que teus cuidados diminuem à medida que diminui teu tempo de vida.

Se subtraís de tua vida as partes inúteis, que resta? Se subtraís teu tempo de infância, as horas em que dormiste, as horas vazias de pensamentos, os dias de enfermidade, mesmo na tua plenitude vê como foram poucas as estações que enumeraste.

Aquele que te deu a bênção da vida, encurtou-a para que mais valiosa fosse. De que te serviria uma vida mais longa? Desejadas mais oportunidade para

adquirires mais vícios? Quanto ao bem, não ficará Aquele que limitou teu período de vida satisfeito com seus frutos?

Para que, ó filho da tristeza, queres viver mais? para respirar, comer, ver o mundo? Tudo isto já fizeste. Não será tediosa a repetição freqüente? Não será supérflua?

Queres aumentar tua sabedoria e virtude? Ah! que és tu para saber? E quem te ensinará? Empregas mal o pouco que tens; não te atrevas, portanto, a lamentar porque mais não te é dado.

Não te aflijas com a falta de conhecimento; a oportunidade não perece contigo na morte. Sê honesto aqui e serás sábio depois.

Não perguntes ao corvo: Por que contas sete vezes a idade de teu senhor? Ou para o cervo: por que teus olhos verão minha descendência por cem gerações? Poderão estas criaturas ser comparadas a ti no abuso da vida? São elas revoltosas? São cruéis? São ingratas? Antes, aprende com elas que a inocência da vida e a simplicidade de modos são os caminhos que levam a uma boa velhice.

Sabes como utilizar a vida melhor que elas? Então ela te bastará menor.

O homem que se atreve a escravizar o mundo, sabendo que não poderá usufruir de sua tirania senão por um momento, a que aspiraria se fosse imortal?

Tens vida suficiente, mas não a consideras; não estás carecendo dela, ó homem! Pois és pródigo, desperdiçando-a como se tivesses mais do que o suficiente!

Fica sabendo que não é a abundância que cria a riqueza; é a economia.

O sábio continua a viver desde seu primeiro período; o tolo está sempre começando.

Não labutes para obter riquezas primeiro, pensando que depois delas gozarás. Aquele que negligencia a hora presente, joga fora tudo quanto possui. Assim como a flecha atravessa o coração do guerreiro que nem percebe que ela vinha em seu encalço, assim também a vida será tirada do negligente antes mesmo de ele saber que a tem.

Que é pois a vida, para que o homem tanto a deseje? Que é o alento, para que o ambicione?

Não é a vida um palco de ilusões, uma série de infortúnios, uma busca de males ligados entre si por todos os lados? No início está a ignorância, no meio a dor e no fim a tristeza.

Como uma onda empurra a outra até que ambas sejam envolvidas pela que vem atrás, assim também o mal se sucede ao mal na vida do homem; o presente e maior engole o menor e passado. Nossos terrores são males reais; nossas esperanças voltam-se para improbabilidades.

Os insensatos temem como mortais e desejam como se imortais fossem!

Que parte da vida gostaríamos que permanecesse conosco? A juventude? Podemos amar os desmandos, a licenciosidade e a temeridade? Será a velhice? Então gostamos de enfermidades?

Diz-se que os cabelos brancos são respeitados, que a velhice traz honra. Mas a virtude pode adicionar reverência à flor da juventude e, sem ela, a idade planta mais rugas na Alma que na fronte.

Respeita-se a idade porque ela odeia a devassidão? Que justiça é esta, em que não é a idade que despreza o prazer, mas é o prazer que despreza a idade!

Sê virtuoso enquanto és jovem; assim tua velhice será honrada.

LIVRO IX

DO HOMEM CONSIDERADO EM RELAÇÃO A SUAS DEBILIDADES E SEUS EFEITOS

CAPITULO I: Da Vaidade

A vaidade tem grande poder no coração do homem; a intemperança o leva para onde quer; o desespero domina grande parte dele, e o medo proclama: "*Vê, não tenho rival neste coração!*" Mas a vaidade vai mais longe que todos eles.

Não chores, portanto, pelas aflições do estado humano; antes, debes rir de suas loucuras. Nas mãos do homem entregue à vaidade, a vida não passa da sombra de um sonho.

O herói, o mais renomado dos personagens humanos, que é ele senão a borbulha dessa fraqueza? O público é instável e ingrato; por que haveria o homem sábio de arriscar-se pelos tolos?

O homem que se descuida de suas presentes ocupações para resolver como se comportará quando for importante, alimenta-se com o vento, enquanto outro come seu pão.

Age conforme é adequado à tua condição presente e, quando atingires condição mais elevada, não te envergonharás.

Que cega mais o olho e mais oculta o coração do homem de si mesmo do que a vaidade? Cuidado! quando não vês a ti mesmo, outros te descobrem com a maior clareza.

Tal como a tulipa que é vistosa sem ter perfume, atraente sem ter utilidade prática, assim é o homem que se coloca num pedestal sem ter méritos.

O coração do vaidoso está perturbado mesmo quando parece contente; seus cuidados são maiores que seus prazeres.

Suas ansiedades não descansam junto com seus ossos; o túmulo não tem profundidade que baste para ocultá-las; ele estende seus pensamentos para além de seu ser; fala elogiosamente para que lhe retribuam quando estiver morto; mas aqueles que lhe prometem isso, mentem.

Como o homem que obriga a esposa ao compromisso de permanecer na viuvez, para que não perturbe sua Alma, assim é aquele que espera que os louvores alcancem seus ouvidos em baixo da terra, e agradem seu coração envolto no sudário.

Faze o bem enquanto estás vivo e não te importes com o que se fale a este respeito. Contenta-te em merecer louvor, e tua posteridade se regozijará em escutá-lo.

Como a borboleta que não vê suas próprias cores, como o jasmim que não toma tento do perfume que esparge ao seu redor, assim é o homem que aparenta alegria e convida os demais para que reparem nisto.

Para que fim uso vestimentas de ouro? Para que minha mesa está coberta de delícias, se nenhum olhar pausa sobre elas, se o mundo as desconhece? Dá tuas roupas aos pobres e teu alimento aos famintos; só assim serás louvado e sentirás que o louvor é merecido.

Por que dás aos homens a lisonja das palavras sem sentido? Sabes que, quando te retribuírem, não lhes darás valor. Eles sabem que mentem; contudo, sabem que lhes agradecerás. Fala com sinceridade e ouvirás verdades.

O vaidoso se delicia em falar de si mesmo; mas não percebe que os demais não gostam de ouvi-lo.

Se ele fez algo merecedor de louvores, se possui algo digno de admiração, sua alegria é proclamar tais coisas, seu orgulho é ouvir comentários. O desejo de um homem assim frustra a si próprio. Os outros não dizem: "*Vejam o que ele fez*" ou "*Notem o que ele possui*", e sim, "*Vejam como ele se orgulha!*"

O coração do homem não pode atender muitas coisas ao mesmo tempo. Aquele que fixa a Alma na ostentação perde a realidade. Persegue bolhas que explodem no ar, enquanto ele pisa com os pés aquilo que lhe faria honra.

CAPÍTULO II: Da Inconstância

A natureza te induz à inconstância, ó homem! guarda-te contra ela, portanto, a todo momento.

Desde o ventre de tua mãe foste variável e volúvel; dos lombos de teu pai herdaste a instabilidade; como então poderás ser firme?

Aqueles que te deram um corpo dotaram-no de fraquezas; mas Aquele que te deu a Alma armou-te com a resolução. Faze uso dela e serás sábio; sê sábio e serás feliz.

Que aquele que age bem se cuide de não louvar-se disto; pois raramente o bem é praticado voluntariamente.

Por acaso não se trata do impulso exterior, nascido da incerteza, imposto por acidente, dependente de alguma outra coisa? Então é ao acidente e a essas outras coisas que se deve louvar.

Cuida-te da falta de resolução no objetivo de tuas ações, cuida-te da instabilidade em sua execução; desta forma, triunfarás sobre duas grandes falhas da natureza.

Que mais censura a razão que as ações contrárias? Que pode suprimir esta tendência senão a firmeza da mente?

O inconstante sente que muda mas não sabe por quê; vê que escapa de si mesmo mas não sabe como. Trata de seres incapaz de mudar naquilo que é correto e os homens confiarão em ti.

Estabelece para ti mesmo os princípios da ação, e assegura-te de agir sempre de acordo com eles.

Adquire primeiro a certeza de que teus princípios são justos, e então sê inflexível em seguir seus caminhos.

Assim, tuas paixões não terão poder sobre ti; assim, tua constância assegurará o bem que possuis e enxotará a desgraça de tua porta. A ansiedade e a decepção se manterão longe de teus portões.

Não suspeites do mal em quem quer que seja, até que o tenhas visto; quando o vires, não esqueças de perdoar.

Como podem ser corretas as ações daquele que não tem uma regra de vida? Nada pode ser justo, que não provenha do interior.

O inconstante não tem paz em sua Alma; nem pode sentir-se à vontade aquele com quem ele trata.

Sua vida é desigual; seus movimentos irregulares; seu raciocínio muda como muda o tempo.

Hoje ele te ama, amanhã te detesta. Por quê? Ele mesmo não sabe porque ontem amou e hoje odeia.

Hoje ele é o tirano, amanhã nem teu criado é mais humilde. Por quê? Aquele que é arrogante sem ter o poder será servil ainda que não haja sujeição.

Hoje é pródigo, amanhã leva de má vontade à boca aquilo que deve comer. Assim é aquele que não conhece moderação.

Quem pode dizer que o camaleão é negro, se logo depois o verde da grama se espalha em seu corpo?

Quem pode dizer do inocente, "*ele é jubiloso*", quando seu próximo alento poderá ser um suspiro?

Que é a vida de um homem assim, senão o fantasma de um sonho? De manhã ele se levanta feliz, ao meio-dia encontra-se em tormento; nesta hora é um deus, na próxima será menor que um verme; num momento ri, no outro chora; agora quer, logo não desejará mais, e num outro instante não saberá se deseja ou não.

No entanto, nem o conforto nem a dor se fixaram nele; não se engrandeceu, nem ficou menor; não teve causa para o riso nem motivo de tristeza; por isto, nenhum destes sentimentos permanecerá com ele.

A felicidade do inconstante é como um palácio construído na superfície do solo; o sopro do vento varre suas fundações; não é de admirar, portanto, que caia!

Mas que enaltecida forma é esta que segue seu uniforme e ininterrupto curso, cujos pés estão na terra, cuja cabeça está acima das nuvens? É o homem constante!

Em sua frente repousa a majestade; a firmeza está em seu porte; em seu coração reina a tranqüilidade.

Ainda que surjam obstáculos em seu caminho, ele não se digna olhá-los; ainda que Céu e Terra se oponham à sua passagem, ele avança.

As montanhas afundam ante seu passo; as águas do oceano secam sob a sola de seus pés.

O tigre lança-se em vão em seu caminho; as manchas do leopardo brilham sem que seus olhos as percebam.

Ele marcha através de legiões em luta; com sua mão, afasta os terrores da morte.

As tempestades rugem contra seus ombros mas não conseguem sacudi-lo; o trovão ressoa em vão sobre sua cabeça; o relâmpago serve apenas para mostrar as glórias de seu rosto.

Seu nome é resolução!

Ele vem das mais longínquas partes da Terra; enxerga a felicidade de longe, pois seu olhar descobre seu templo além dos limites do pólo.

Ele caminha para seu templo, entra com audácia e ali permanece para sempre.

Assenta teu coração, ó homem! naquilo que é correto, e aprende então que o maior louvor humano é ser imutável.

CAPITULO III: Da Fraqueza

Vão e inconstante como és, como podes ser senão um fraco? Não está a inconstância ligada à debilidade? Pode haver vaidade sem enfermidade? Evita os perigos de uma e escaparás aos danos da outra.

Em que és mais fraco? Naquilo em que pareces ser mais forte; naquilo de que mais te vanglorias; até na posse das coisas que tens; no uso do bem que te rodeia.

Não são teus desejos também fracos? Ou será que pelo menos sabes o que desejas? Quando obtiveste o que desejavas, eis que não te contentaste.

Por que o prazer que tens diante de ti perde seu atrativo? E por que parece mais encantador o que ainda está por vir? Porque estás entediado com o bem que tens, porque não conheces o mal daquilo que não está contigo. Aprende que contentar-se é ser feliz.

Se pudesses escolher por ti mesmo, se teu Criador estendesse diante de ti tudo quanto pudesses desejar, permaneceria contigo a felicidade? A alegria habitaria sempre em tua porta?

Ah! tua fraqueza o impede; tua debilidade se declara contrária. Para ti a variedade toma o lugar do prazer; mas aquilo que deleita permanentemente deve ser permanente.

Quando tiver te abandonado, ficarás arrependido de sua perda, ainda que o tenhas desprezado quando estava contigo.

Aquilo que veio em seguida não te deu maior prazer; e depois te zangarás contigo mesmo por havê-lo preferido; esta é a única circunstância em que não te equívocas!

Haverá algo que mais demonstre tua fraqueza do que desejar coisas? Sim, na posse e emprego delas.

As boas coisas deixam de ser boas quando as gozamos erroneamente. As coisas que a natureza tencionava que fossem pura doçura, para nós são fontes de amargor; destas delícias surge a dor; daquelas alegrias, a tristeza.

Sê correto no gozo das coisas e elas permanecerão em teu poder; que tua alegria seja fundamentada na razão e a tristeza será uma estranha para ti.

As delícias do amor começam por suspiros e terminam em languidez e depressão, se o objeto pelo qual ardes te leva à náusea da saciedade; nem bem o possuis e já te cansa sua presença.

Junta a estima à tua admiração, une a amizade com teu amor; assim, encontrarás no final um contentamento tão absoluto que ultrapassa o enlevo, uma tranqüilidade mais valiosa que o êxtase.

Deus não te concedeu bem algum sem sua mistura de mal; mas Ele também te deu os meios de retirar o mal desse bem.

Assim como a alegria não existe sem sua porção de dor, também a dor não está isenta de sua porção de prazer. Alegria e tristeza, ainda que diferentes, estão unidas. Só nossa própria escolha nos permite obtê-las separadamente.

A melancolia muitas vezes nos traz o deleite, e o extremo da alegria está misturado às lágrimas.

As melhores coisas nas mãos do tolo podem levá-lo à destruição; e nas coisas piores encontra o sábio o meio para o bem.

Tão mescladas estão a força e a fraqueza em tua Alma e em teu corpo, ó homem! que não tens condição de ser inteiramente bom ou mau. Regozija-te por não poderes sobressair no mal, e deixa que o bem em tua Alma te conserve contente.

As virtudes estão distribuídas de forma variada. Não procures coisas impossíveis, nem te aflijas por não possuí-las todas.

Desejarias ter ao mesmo tempo a liberalidade do rico e o contentamento do pobre? Ou será a esposa de teu coração menosprezada por não demonstrar a sabedoria da viúva?

Se teu pai se prostrasse diante de ti, nas dissensões internas do país, poderia teu senso de justiça destruí-lo imediatamente e teu senso de dever salvá-lo?

Se visses teu irmão na agonia de uma morte lenta, não seria misericordioso pôr fim à sua vida? Não seria também mortal cometer um assassinato desta forma?

A verdade é uma só; tuas dúvidas são criação tua. Aquele que fez das virtudes o que são também implantou em ti o conhecimento de sua importância. Age segundo os ditames de tua Alma, e no final estarás sempre certo.

CAPITULO IV: Da Insuficiência do Conhecimento

Se existe algo que possui encanto, se existe algo desejável, se há alguma coisa ao alcance do homem que seja digna de louvor, não será o conhecimento? Contudo, quem é que verdadeiramente o alcança?

O estadista proclama que o possui; o governante de povos o reclama para si; mas julga o súdito que ele o possui?

O mal não é um requisito para o homem, nem é necessário tolerar o vício; entretanto, quantos malefícios são permitidos pela convivência das leis? Quantos crimes são cometidos por decretos do conselho?

Deves ser sábio, ó governante! e aprende, ó tu que deves comandar as nações! um crime autorizado por ti é pior que dez criminosos que escapem da punição.

Quando teu povo é numeroso, quando teus filhos se multiplicam em torno de tua mesa, não os envias para matar inocentes e para caírem diante da espada de quem não ofenderam?

Se o objeto de teu desejo requer mil vidas, não dizes: eu o quero? Certamente esqueces que Aquele que te criou também os criou! e que seu sangue é tão rico quanto o teu, que sua Alma é a tua Alma.

Dizes que a justiça não pode ser feita sem erros? Tuas próprias palavras certamente te condenam.

Tu que lisonjeias o criminoso com falsas esperanças, para que ele confesse sua culpa, não serás também um malfeitor como ele? Ou será tua culpa menor porque ele não pode castigar-te?

Quando ordenas a tortura para aquele que é apenas suspeito de um malfeito, não ousas pensar que poderás estar maltratando um inocente?

Satisfaz teu propósito esta ação? A Alma em teu interior fica satisfeita com sua confissão? A dor o forçará a dizer o que não é verdade, tão facilmente quanto o que é verdadeiro; a angústia terá levado um inocente a acusar-se.

Para não o matares sem motivo, fazes coisa pior que matá-lo; para provares que ele é culpado, destróis o inocente.

Quanta cegueira a toda a verdade! Ó insuficiência da sabedoria do sábio! Deves saber que, quando teu juiz te pedir contas disto, desejarás que dez mil culpados tenham escapado, antes que um só inocente testemunhe contra ti.

Insuficiente como és na arte de manter a justiça, como chegarás ao conhecimento da verdade? Como ascenderás os degraus que levam a seu trono?

Assim como a coruja é ofuscada pelo brilho do Sol, assim a radiância da face da verdade te ofuscará, ao te aproximares dela.

Se queres subir até seu trono, curva-te primeiro ante seu escabelo; se queres chegar ao seu conhecimento, primeiro informa-te sobre tua própria ignorância.

Mais valiosa é ela que as pérolas, portanto, debes buscá-la cuidadosamente; a esmeralda, a safira e o rubi são como poeira sob seus pés; portanto, debes buscá-la varonilmente.

O caminho que a ela conduz é o trabalho; atenção é o piloto que deve conduzir-te a seu porto. Mas não te canses no caminho, pois, quando a tiveres alcançado, o trabalho será para ti um prazer.

Não digas a ti mesmo: "*a verdade gera o ódio, e por isto evitá-la-ei; a dissimulação produz amigos, e por isto segui-la-ei*". Não são os inimigos ganhos por causa da verdade melhores que os amigos obtidos pela lisonja?

O homem, naturalmente, deseja a verdade; contudo, quando se encontra diante dela, não a apreende; e se ela se lhe impõe, não fica ele ofendido?

A falta não se encontra na verdade, pois ela é amável, mas a fraqueza do homem não suporta seu esplendor.

Gostarias de ver tua insuficiência com mais clareza? Observa a ti mesmo em tuas devoções! Para que finalidade foi instituída a religião senão para ensinar-te tuas debilidades, lembrar-te de tua fraqueza, mostrar-te que só do céu podes esperar o bem?

Não te lembra ela que teu corpo é pó? Não te diz ela que és como as cinzas? E pensa no arrependimento; não está ele fundado na fragilidade?

Quanto mais breves as loucuras, melhor; portanto, não digas a ti mesmo: "*serei apenas meio tolo*".

Aquele que ouve suas próprias faltas com paciência pode reprovar o outro com denodo.

Aquele que nega com razão sofre repulsa com moderação.

Se desconfiam de ti, responde com liberdade; quem temeria a suspeita senão o culpado?

Aquele que tem um coração terno é desviado de seu propósito pelas súplicas; o orgulhoso torna-se mais obstinado com os rogos; o senso de tua insuficiência te ordena que escutes; mas para seres justo, debes ouvir sem as tuas paixões.

CAPÍTULO V: Do Infortúnio

Fraco e insuficiente como és no bem, ó homem! frágil e contraditório como és no prazer, em uma coisa és forte e firme. Seu nome é Infortúnio.

Ele é o caráter de teu corpo, a prerrogativa de tua carne; somente em teus pensamentos ele reside, sem eles não existiria. Vê, qual é sua fonte senão tuas próprias paixões físicas?

Aquele que as deu a ti também te deu a Alma para dominá-las; usa-a e as esmagarás sob teus pés.

Não é dolorosa tua entrada no mundo? Não é gloriosa tua destruição? Observa que os homens adornam com ouro e gemas os instrumentos da morte e usam-nos sobre suas vestes.

A mulher que gera um homem esconde a face; mas aquela que mata mil recebe honrarias.

Deves saber, não obstante, que existe erro nisto; os costumes não podem alterar a natureza da verdade, nem pode a opinião humana destruir a justiça; a glória e a vergonha estão mal colocadas.

Não há senão uma maneira de o homem ser criado; existem mil modos pelos quais pode ele ser destruído.

Não recebe louvores nem honrarias aquele que dá o ser a outro; mas triunfos e impérios são as recompensas do assassino.

Quando o selvagem maldiz o nascimento de seu filho e abençoa a morte de seu pai, não está chamando a si mesmo de monstro?

Bastantes males tem o homem; mas ele os aumenta enquanto deles se lamenta.

O maior dos males humanos é a tristeza; tu nasces para muitas delas; não acrescentes mais por tua própria perversidade.

É natural a tristeza neste mundo mortal; ela está sempre à tua volta; o prazer é um hóspede que só te visita se o convidas; utiliza bem tua mente, e a tristeza será passada para trás; sê prudente, e as visitas da alegria te farão companhia por longo tempo.

Cada parte de teu corpo é capaz de sentir dor; poucos e estreitos são os caminhos que levam às delícias que se igualam à alegria da Alma.

Os prazeres só podem entrar um a um; mas as dores entram aos milhares, todas ao mesmo tempo.

Assim como a chama da palha se apaga tão logo é acesa, assim passa o brilho da alegria, e não sabes o que aconteceu com ela.

A tristeza é uma convidada freqüente, o prazer só aparece raras vezes; a dor vem por si mesma, o deleite deve ser procurado; a dor não tem misturas, mas à alegria não falta um misto de amargura.

Como a saúde mais completa é menos percebida que a mais leve enfermidade, assim a alegria mais elevada nos toca menos que a menor tristeza.

Somos escravos da angústia; muitas vezes fugimos do prazer; quando o compramos, não custa ele mais do que vale?

A reflexão é a tarefa do homem; o sentimento de sua condição é seu primeiro dever; mas quem se lembra de si mesmo envolto em alegria? Não é pois misericordioso que a tristeza nos tenha sido dada?

O homem prevê o mal que está para vir; lembra-se dele depois que se vai; não considera que o pensamento da aflição fere mais que a própria aflição. Não penses em tua dor a não ser quando ela te atinja, e evitarás aquilo que mais pode te ferir.

Aquele que chora antes que seja necessário, chora mais do que deve; e por quê? Porque gosta de chorar.

O cervo não chora até que a lança se levante contra ele; nem caem as lágrimas do castor até que os cães de caça estejam para alcançá-lo; o homem antecipa a morte pela apreensão que dela sente; e o medo é um infortúnio maior que o fato que o provoca.

CAPITULO VI: Da Capacidade de Julgar

As maiores dádivas concedidas ao homem são a capacidade de julgar e a vontade; feliz aquele que não as emprega mal.

Assim como a torrente que se precipita da montanha destrói tudo o que arrasta, assim a opinião comum arrasa a razão daquele que a ela se submete sem perguntar: qual o seu fundamento?

Cuida que aquilo que aceites como verdade não seja apenas uma sombra da mesma! O que aceites como convincente muitas vezes é apenas plausível. Sê firme, sê constante, determina por ti mesmo; assim, só terás que responder por tua própria fraqueza.

Não afirmes que o acontecimento prova a sabedoria da ação; lembra que o homem não está acima dos acidentes criados por sua própria vontade.

Não condenes o julgamento de outro porque difere do teu; não poderão ambos estar errados?

Quando estimas um homem por seus títulos, e condenas o estranho que não os possui, não estás julgando o camelo por seus arreios? Não penses que te vingaste de teu inimigo porque o mataste; ao fazê-lo, o que consegues é colocá-lo fora de teu alcance, é dar-lhe descanso; é tirar de ti mesmo todos os meios de feri-lo.

Foi tua mãe incontinente e te dói ouvi-lo? Há fraquezas em tua mulher e sofres se te reprovam por isto? Aquele que te despreza por estes motivos condena a si mesmo. Serás por acaso responsável pelos vícios alheios?

Não menosprezes uma jóia só porque te pertence; nem aumentes o valor de uma coisa porque é de outro; a posse, para o sábio, aumenta seu preço.

Não honres menos tua esposa porque ela está em teu poder; despreza aquele que diz: "*Queres amá-la menos? Casa-te com ela!*" Que a colocou sob teu poder senão a confiança em tua virtude? Deveras amá-la menos porque tens mais obrigações com ela?

Se foste correto ao fazer-lhe a corte, embora a negligencies enquanto a tens, sua perda será amarga para tua Alma.

Aquele que julga uma mulher melhor só porque a possui, se não é mais sábio que tu, pelo menos é mais feliz.

Não peses a perda sofrida por teu amigo pelas lágrimas que ele derrama; as maiores dores estão acima de qualquer expressão.

Não aprecies um fato porque foi executado com pompa e alarido; o mais nobre ser é aquele que faz grandes coisas e não se perturba quando as faz.

A fama assombra o ouvido de quem escuta falar dela; mas a tranquilidade regozija o coração de quem a possui.

Não atribuas as boas ações de outro a maus motivos; não podes conhecer o que vai em seu coração; mas o mundo saberá que o teu está cheio de inveja.

Não há na hipocrisia mais vício que insensatez; ser honesto é tão fácil quanto parece.

Deves estar mais pronto a reconhecer um benefício que vingar um insulto; assim receberás mais benefícios que insultos.

Deves estar mais pronto a amar que odiar; assim serás mais amado que odiado.

Dispõe-te a louvar, sê lento em censurar; assim haverá louvores para tuas virtudes, e o olho do inimigo ficará cego a tuas imperfeições.

Quando fizeres o bem, faze-o porque é bom, não porque os homens o apreciam; quando evitares o mal, foge porque é mau, não porque os homens falam contra ele; sê honesto por amor à honestidade, e assim o serás sempre; aquele que age sem princípios é um hesitante.

Deves preferir que os sábios te reprovem a seres aplaudido por aquele que não tem compreensão; quando os sábios te apontam uma falta, supõem que podes melhorar; quando o tolo te louva, acredita-se semelhante a ti.

Não deves aceitar um ofício para o qual não estás qualificado, a fim de que aquele que sabe mais não te menospreze .

Não queiras instruir um outro naquilo que ignoras; quando ele o perceber, terá razão em repreender-te.

Não esperes amizade de quem te prejudicou; aquele que sofre o mal pode perdoá-lo, mas quem faz o mal nunca se sentirá à vontade com sua vítima.

Entretanto, a gratidão não vive na Alma do homem, nem é sua cólera irreconciliável; o homem detesta ser lembrado da dívida que não pode pagar; envergonha-se na presença daquele a quem prejudicou.

Não te sintas descontente pelo bem de um estranho, nem te alegres pelo mal que tenha atingido teu inimigo; gostarias que outros fizessem o mesmo contigo?

Gostarias de gozar da boa vontade de todos? Deixa que tua benevolência seja universal.

Se não a obténs desta forma, nenhuma outra te poderá dá-la; debes saber que, se não a tens, possuis o mérito maior de tê-la merecido; em teus futuros estados e seres testemunharás as maravilhas de teus atos no estado presente.

CAPÍTULO VII: Da Presunção

Orgulho e mesquinheza parecem incompatíveis, mas o homem consegue conciliar opostos; ele é ao mesmo tempo a mais miserável e a mais arrogante das criaturas.

A presunção é a ruína da razão; é a nutriz do erro; todavia, é compatível com nossa razão.

Quem não faz um elevado julgamento de si mesmo e não considera inferiores os outros?

Nem nosso Criador escapa de nossa presunção; como então estaremos a salvo uns dos outros?

Qual a origem da superstição? De onde surge a falsa adoração? De nossa presunção em analisar o que está além de nosso alcance, de tentarmos compreender o que só é compreensível para o Eu interior.

Limitada e falha como é nossa compreensão mortal, não empregamos nossas pequenas forças como deveríamos. Não nos elevamos suficientemente em nossa tentativa de compreensão da grandeza de Deus; não damos asas suficientes a nossas idéias, quando entramos em adoração da Divindade.

O homem que teme lançar o mais tênue murmúrio contra qualquer soberano terreno, não treme ao acusar a providência de Deus; esquece Sua majestade, e julga Seus critérios.

Aquele que não ousa repetir o nome de seu príncipe sem respeito, não se ruboriza ao invocar seu Criador como testemunho de uma mentira.

Aquele que escutaria em silêncio a sentença do magistrado, ousa argumentar com o Eterno, tenta abrandá-Lo com súplicas, lisonjeá-Lo com promessas, concordar com Ele sob certas condições; e até enfurecer-se e murmurar contra Ele quando seu pedido é negado.

Por que não és punido, ó homem, em tua impiedade, senão porque não é chegado o dia da retribuição?

Não sejas como aqueles que lutam contra o trovão; nem tentes negar tuas preces ao Criador porque Ele te castiga; tua loucura cairá sobre tua própria cabeça por isto, tua impiedade só pode ferir a ti mesmo.

Por que se vangloria o homem de ser o favorito de seu Mestre, e no entanto esquece de Lhe dar graças e adoração por isto? Como pode adaptar-se uma vida assim a uma crença tão arrogante?

O homem, que não passa de uma pequena partícula na imensidade, crê que o Céu e a Terra foram criados para ele; pensa que toda a estrutura da natureza está interessada em seu bem-estar.

Tal como o tolo, que crê que as imagens que tremem no seio da água são árvores, cidades e o amplo horizonte, que dançam para dar-lhe prazer, assim é o homem que, enquanto a natureza segue seu curso determinado, acredita que todos os seus movimentos se destinam a entretê-lo.

Quando procura os raios do Sol para aquecer-se, julga que foram feitos apenas para servi-lo; quando acompanha o curso da Lua em seu itinerário noturno, crê que ela foi criada para lhe propiciar enlevo.

Insensato em tua própria vaidade! toma tento de que não é por tua causa que o mundo se mantém em seu curso; para ti não foram feitas as vicissitudes do verão e do inverno.

Nenhuma mudança haveria se tua raça inteira não existisse; és apenas um dentre milhões que gozam destas bênçãos.

Não te enalteças até os céus, pois os mestres estão acima de ti; nem desdenhes os que contigo são habitantes da Terra, porque estejam abaixo de ti. Não são todos obra da mesma Mão? Não respiram todos a mesma Alma?

Tu que és feliz pela bondade de teu Criador, como te atreves, em tua perversidade, a torturar Suas criaturas? Cuida-te para que isto não retorne a ti, como compensação.

Não servem todos ao mesmo Mestre Universal contigo? Não indicou Ele Suas leis a cada um? Não cuida Ele de preservá-las? E tu ousas infringi-las?

Não ponhas teu julgamento acima de toda a Terra; nem condenes como falso aquilo que não esteja de acordo com tua própria compreensão. Quem te concedeu poder para determinar em nome de outros? Quem tirou do mundo o direito da escolha?

Quantas coisas foram rejeitadas e hoje são recebidas como verdades? Quantas hoje aceitas como verdades serão por sua vez substituídas? De que pode o homem estar certo, então?

Faze o bem que conheces e a felicidade estará contigo. Trabalhar é mais tua tarefa que o pensamento especulativo.

Verdade e falsidade, não têm ambas a mesma aparência em tudo aquilo que não compreendemos? Quem senão nossa Alma pode fazer distinção entre elas?

Acreditamos facilmente naquilo que está acima de nossa compreensão; ou então nosso orgulho nos faz simular, para que pareça que compreendemos. Não será isto loucura e arrogância?

Quem faz as afirmações com mais atrevimento? Quem mantém sua opinião mais obstinadamente? Aquele que é mais ignorante, pois é o ignorante que tem maior orgulho.

Todo homem, quando se apegar a uma opinião, deseja permanecer com ela, mas principalmente o mais dotado de presunção; ele não se contenta em trair sua Alma por ela, mas tentará impor aos demais que também nela creiam.

Não deves dizer que a verdade é estabelecida pelos anos, ou que há certeza numa multidão de crentes.

Uma proposição humana tem tanta autoridade quanto outra, a menos que a razão as diferencie.

LIVRO X

DAS AFEIÇÕES DO HOMEM, QUE SÃO PREJUDICIAIS PARA ELE E OS DEMAIS

CAPITULO I: Da Cobiça

AS riquezas não merecem atenção exclusiva; o cuidado egoístico de obtê-las é, portanto, injustificável.

O desejo por aquilo que o homem considera o bem, a alegria que ele sente em possuí-lo, só tem fundamento em opinião. Não sigas o vulgar, examina tu mesmo o valor das coisas e não serás cobiçoso.

O desejo imoderado por riquezas é um veneno alojado na mente. Ele contamina e destrói tudo o que nela havia de bom. Assim que se enraíza ali, toda virtude, toda honestidade, toda afeição natural, fogem diante dele.

O ambicioso venderia seus filhos em troca de ouro; seu pai poderia morrer antes que ele abrisse seu cofre; nem sequer considera que isto seja assunto seu. Em sua busca da felicidade, ele se torna um infeliz.

Tal como o homem que vende sua casa para comprar os ornamentos que a embelezariam, assim é aquele que renuncia à paz para buscar riquezas, na esperança de ser feliz usufruindo delas.

Onde reina a cobiça, debes saber que a mente é pobre. Quem não considera as riquezas o principal bem do homem, não atirará fora todos os outros bens para persegui-las.

Quem não teme a pobreza como o maior mal de sua natureza, não adquirirá para si todos os outros males tentando evitá-la.

Ó insensato! não vale mais a virtude que a riqueza? Não é a culpa mais baixa que a pobreza? Está no poder do homem obter o suficiente para suas necessidades; contenta-te com isto, e tua felicidade sorrirá da tristeza daquele que acumula demais.

A natureza ocultou o ouro sob a terra, como se não fosse digno de ser visto; colocou a prata onde podes pisá-la com teus pés. Não quis a Natureza com isto informar-te que o ouro não é digno de teu interesse, que a prata está aquém de tua atenção?

A cobiça enterra sob o solo milhões de desgraçados; estes cavam para seus duros amos aquilo que a estes castiga pelo sofrimento dos servos; aquilo que os torna mais miseráveis que seus escravos.

A terra é estéril de coisas boas onde ela armazena tesouros; onde há ouro em suas entranhas, não cresce a erva.

O cavalo não encontra ali seu pasto, nem a mula seu alimento ; os trigais não sorriem nas vertentes das colinas; a oliveira não oferece ali seus frutos, nem a videira suas uvas; da mesma forma, nenhum bem habita no peito daquele cujo coração está absorto em seu tesouro.

As riquezas são servas do sábio, mas tiranizam a mente do tolo.

O ambicioso é servo de seu ouro; não é este que o serve. Ele possui a riqueza como o doente tem sua febre; o ouro o queima e atormenta, e não o abandona até a morte.

Não destruiu o ouro a virtude de milhões? Ele acaso acrescentou alguma vez bondade a alguém?

Não é ele mais abundante entre os piores homens? Então por que desejarias ser distinguido por sua posse?

Não foram sempre os mais sábios os que menos tiveram dele? E não é a sabedoria a felicidade?

Não foram os piores de tua espécie os que possuíram maior quantidade dele? E não foi o fim deles infeliz?

A pobreza necessita de muitas coisas; mas a cobiça nega tudo a si mesma.

O ambicioso não pode ser bom para homem algum; mas nunca é mais cruel que para si mesmo.

Se és industrioso na obtenção de ouro, sê generoso em dispor dele. Nunca é o homem mais feliz do que quando dá felicidade a outro.

CAPITULO II: Da Prodigalidade

Se existe um vício maior que o acúmulo de riquezas, é seu emprego em finalidades inúteis.

Aquele que prodigamente desperdiça tudo que tem, rouba ao pobre o que a Natureza lhe deu como direito.

Aquele que esbanja seu tesouro repudia os meios de fazer o bem; nega a si mesmo a prática de virtudes cuja recompensa está a seu alcance, cuja finalidade outra não é senão sua própria felicidade.

Ê mais difícil estar bem com as riquezas do que estar à vontade sem elas.

O homem governa melhor a si mesmo na pobreza que na abundância.

A pobreza requer uma só virtude: paciência para suportá-la; mas o rico, se não for dotado de caridade, temperança, prudência e muitas outras virtudes, será condenado.

O pobre tem apenas a obrigação de cuidar de seu próprio bem; ao rico toca a responsabilidade pelo bem-estar de milhares.

Aquele que distribui seu tesouro sabiamente, livra-se de seus males; aquele que guarda todo o seu lucro, vai juntando tristezas.

Não recuses ao estranho aquilo de que necessita, não negues a teu irmão aquilo que tu mesmo queres.

Há mais prazer em ficar sem aquilo que deste do que em possuir milhões cujo emprego ignoras.

CAPÍTULO III: Da Vingança

A raiz da vingança encontra-se na fraqueza da Alma; os mais abjetos e temerosos são os que mais aderem a ela.

Quem tortura aqueles a quem odeia, senão o covarde? Quem mata aqueles a quem roubou, senão a criatura mais vil?

Antes da vingança, é preciso haver ressentimento e injúria: mas a mente nobre desdenha dizer: "*Isto me magoa!*"

Se a ofensa não pode te passar despercebida, aquele que a causou também não fica despercebido; queres, então, entrar no mesmo campo de teu inferior?

Despreza o homem que tentou prejudicar-te; condena aquele que gostaria de inquietar-te.

Assim agindo, não só preservarás tua paz, mas infligirás toda a punição da vingança sem te curvares a empregá-la contra o ofensor.

Assim como a tempestade e o trovão não afetam o Sol nem as estrelas, mas descarregam sua fúria sobre as árvores e pedras que estão embaixo, assim as ofensas não chegam à Alma dos grandes, mas se dissipam e se abatem sobre os ofensores.

A pobreza de espírito utiliza a vingança; a grandeza de Alma despreza a ofensa; mais que isso, faz o bem àquele que tencionou perturbá-la.

Por que procuras vingar-te, ó homem! com que propósito persegues a vingança? Pensas ferir com ela teu adversário? Pois é bom que saibas que tu mesmo sentirás os maiores tormentos.

A vingança róí o coração do que está afetado por ela, enquanto aquele contra quem ela é dirigida permanece tranqüilo.

Ela é injusta na angústia que inflige; portanto, a natureza não a fez para ti; precisa de mais dor aquele que foi ferido? Ou deve ele aumentar a força da aflição que outro lhe causou?

O homem que trama vingança não se contenta com o mal que recebeu; acrescenta à sua angústia a punição devida a outro; enquanto isto, aquele que ele procura ferir segue seu caminho rindo; torna-se feliz com este acréscimo ao seu infortúnio.

A vingança é dolorosa em sua intenção, e perigosa em sua execução; raramente cai o machado onde deseja aquele que o levanta; eis que este não se lembra que o machado pode recuar contra ele.

Quando o vingativo busca ferir seu inimigo, muitas vezes causa sua própria destruição; enquanto aponta para um dos olhos do adversário, perde ambos os seus.

Se não alcança seu objetivo, lamenta-se; se é bem-sucedido, arrepende-se; o medo da justiça rouba a paz de sua mente; o cuidado de escondê-lo da justiça destrói a paz de seu amigo.

Pode a morte de teu adversário saciar teu ódio? Pode o eterno descanso dele dar-te a paz?

Se queres fazê-lo sofrer por sua ofensa, conquista-o e perdoa; na morte, ele não reconhece tua superioridade, nem sente o poder de tua ira.

Na vingança, deve haver o triunfo do vingador; aquele que o injuriou deve sentir seu desprazer; ele deverá sofrer dor com a vingança e arrepender-se de tê-la causado.

Esta é a vingança inspirada pelo ódio; mas o que a torna mais intensa é o desprezo.

O assassinato por uma ofensa só pode provir da covardia; aquele que o comete teme que o inimigo sobreviva e também se vingue.

A morte encerra a disputa, mas não devolve a reputação; matar é um ato de precaução, não de bravura; é seguro, mas destituído de honra.

Nada é mais fácil que vingar uma ofensa e nada é mais honroso do que perdoá-la.

A maior vitória que o homem pode alcançar é vencer a si mesmo; aquele que desdenha de sentir-se ofendido devolve a ofensa a quem a ofereceu.

Quando tramas vingança, conferras que sentes mágoa; quando te queixas, conferras estar ferido; pretendes acrescentar este triunfo ao orgulho de teu inimigo?

O que não é sentido não pode ofender; como então aquele que despreza a ofensa deseja vingá-la?

Se pensas que é desonroso suportar uma ofensa, muito mais está em teu poder; podes dominá-la.

Os bons atos farão um homem envergonhar-se de ser teu inimigo; a grandeza da mente lhe provocará terror de te ferir.

Quanto maior a injúria, maior glória haverá em perdoá-la; e quanto mais justificada a vingança, mais honrosa será a clemência.

Pensas ter o direito de ser o juiz de tua própria causa? De participar do ato e também pronunciar a sentença a respeito do mesmo? Antes de condenares, deixa um outro dizer que a condenação é justa.

O vingativo é temido e, portanto, odiado; mas aquele que é dotado de clemência é adorado; o louvor por suas ações dura para sempre; o amor do mundo o acompanha.

CAPÍTULO IV: Da Crueldade, do Ódio e da Inveja

A vingança é detestável! Que dizer então da crueldade? Esta possui as maldades da outra, mas falta-lhe até mesmo o pretexto da provocação!

Os homens a repudiam como estranha à sua natureza; envergonham-se dela como algo estranho a seu coração; acaso não a chamam de desumanidade?

Qual é, pois, sua origem? A que deve o homem sua existência? Seu Pai é o Medo; não é a Consternação sua mãe?

O herói levanta sua espada contra o inimigo que lhe resiste; mas nem bem ele se submete, fica satisfeito.

Não é honroso pisotear o que teme; não é virtuoso insultar o que é inferior; instrui o insolente e deixa ir o humilde; assim estarás no auge da vitória.

Aquele que não tem virtude para alcançar este fim, e não tem coragem para desta forma ascender até ele, substitui a conquista pelo assassinato, a soberania pelo morticínio.

Aquele que tudo teme, ataca tudo; por que são cruéis os tiranos, senão porque vivem no terror?

O cão vagabundo destroça o cadáver mas não lhe ousa encarar o rosto enquanto ainda vive; o perdigueiro que persegue a caça até a morte, não a retalha depois.

As guerras civis são as mais sangrentas porque os que nelas combatem são covardes; conspiradores e assassinos, porque na morte há silêncio; não é acaso o medo que lhes diz que podem ser traídos?

Para que não sejas cruel, coloca-te bem acima do ódio; para que não sejas desumano, coloca-te além do alcance da inveja.

Todo homem pode ser visto de duas maneiras: de uma delas ele será turbulento, de outra, menos ofensivo; encara-o do modo que te fira menos; então também não o ferirás.

Que é que um homem não pode converter em um bem para si mesmo? Naquilo que mais nos ofende há mais motivos de queixa que de ódio. O homem pode reconciliar-se com aquele de quem tem queixas; que mata ele senão aquilo que odeia?

Se és impedido de receber um benefício, não te entregues à fúria; a perda da razão é a perda de um benefício maior.

Por teres sido roubado de teu manto, despojar-te-ás do resto de teus trajes?

Quando invejas o homem que possui honradas; quando seus títulos e sua grandeza provocam tua indignação, procura saber de onde tudo isto proveio; pergunta de que modo ele os adquiriu. Tua inveja se transformará em piedade.

Se a mesma fortuna te fosse oferecida pelo mesmo preço, podes estar certo de que a recusadas, se tens sabedoria.

Qual a paga dos títulos senão a lisonja? Como adquire poder o homem, senão sendo escravo de quem o concede?

Perderias tua própria liberdade para poderes tomar a do outro? Podes invejar aquele que assim age?

O homem nada compra de seus superiores, exceto por um preço; e esse preço não é maior que o valor do que ele adquire? Desejas perverter os costumes do mundo? Queres ter a mercadoria e também seu preço?

Já que não podes invejar aquilo que não aceitarias, despreza esta causa de ódio e expulsa de tua Alma esta ocasião de favorecer o pai da crueldade.

Se possuis honra, podes invejar aquilo que é obtido à sua custa? Se conheces o valor da virtude, não te causam pena aqueles que a venderam por tão pouco?

Quando tiveres ensinado a ti mesmo a considerares o bem aparente dos homens sem inveja, ouvirás falar de sua felicidade com prazer.

Se vires que as boas coisas caem nas mãos daqueles que as merecem, ficarás feliz com isto; pois a virtude encontra alegria na felicidade dos virtuosos.

Aquele que se alegra com a felicidade alheia aumenta a sua própria felicidade.

CAPITULO V: Da Opressão Interior

A Alma do homem alegre impõe um sorriso à face da aflição; mas o pessimismo do triste apaga o próprio brilho da alegria.

Qual a fonte da tristeza senão a debilidade da mente? Que lhe dá poder senão a falta de razão? Desperta para o combate e ela foge do campo de batalha antes mesmo de atacares.

Ela é inimiga de tua raça, portanto debes expulsá-la de teu coração; ela envenena a doçura de tua vida, portanto, não permitas que entre em tua morada.

Ela converte a perda de uma palha na destruição de tua fortuna. Enquanto apoquentas tua mente com ninharias, afasta tua atenção das coisas importantes; observa que ela apenas profetiza o que parece relatar.

Ela estende a sonolência sobre tuas virtudes, como se fosse um véu; e as esconde daqueles que te fariam honra em percebê-las; ela as enreda e as mantém inibidas enquanto torna mais necessário que as exerças.

Vê, ela te oprime com o mal; ata tuas mãos, quando poderia libertar-te da carga que te atormenta.

Se queres evitar o que é torpe, se queres desdenhar o que é covarde, se queres expulsar de teu coração o que é injusto, não deixes que a tristeza te domine.

Não permitas que ela se disfarce com o véu da piedade; não deixes que ela te iluda com a aparência de sabedoria. A religião presta homenagem a teu

Criador; não deixes que ela seja toldada pela melancolia. A sabedoria te faz feliz; fica sabendo, então, que a tristeza é uma estranha para ela.

Por que seria triste o homem, senão por causa de aflições? Por que deveria seu coração renunciar à alegria, se ela nunca se afasta dele? Não será isto ser infeliz por amor à tristeza?

Como a carpideira que parece triste porque é contratada para este fim, e chora porque suas lágrimas são pagas, assim é o homem que permite a tristeza em seu coração, não porque sofra, mas porque é melancólico.

Não é a ocasião que produz a tristeza; atenta para isto, a mesma coisa dará alegria a outro.

Pergunta aos homens se sua tristeza faz as coisas parecerem melhores, e eles te confessarão que isso é loucura; não, eles louvarão quem suporta seus males com paciência, quem enfrenta a desgraça com coragem. O aplauso deve ser seguido pela imitação.

A tristeza é contrária à natureza, pois perturba seus movimentos; sim, a tristeza torna desagradável aquilo que a natureza fez bom.

Como o carvalho que cai ante a fúria da tempestade e não mais levanta sua copa, assim se curva o coração do homem ante a força da tristeza e nunca mais retorna à fortaleza anterior.

Como a neve é arrastada das montanhas por causa das chuvas que descem por suas vertentes, assim é a beleza levada para longe pelas lágrimas que escorrem pelo rosto e nem uma nem outra serão restauradas.

Como a pérola é dissolvida pelo vinagre, que a princípio parece apenas obscurecer sua superfície, assim tua felicidade, ó homem! é engolida pela opressão interior, embora a princípio pareça apenas cobrir sua sombra.

Contempla a tristeza nas vias públicas; lança teus olhos sobre ela; não evita ela a todos? E não fogem todos de sua presença?

Vê como ela baixa a cabeça, como a flor cuja raiz foi cortada; vê como ela fixa o olhar na terra! Vê como ela não serve a outro propósito senão o de chorar!

Existe algum discurso em seus lábios? Há em seu coração o amor pela sociedade? Há razão em sua mente? Pergunta-lhe a causa e ela não a conhece. Pergunta-lhe qual o motivo e verás que não existe.

No entanto sua força lhe falta; afinal, ela afunda na sepultura e ninguém pergunta: que lhe aconteceu?

Tens compreensão e no entanto não enxergas tudo isto? Tens piedade e não percebes teu erro?

Deus te criou por misericórdia; se Ele não tivesse a intenção de que fosses feliz, não te teria trazido à vida; como te atreves, então, a fugir de Sua Majestade?

Enquanto és muito feliz com inocência, prestas-Lhe o maior louvor; e que é teu descontentamento senão uma murmuração contra Ele?

Não criou Ele todas as coisas sujeitas a mudanças? E tu ousas chorar porque elas mudam. É a lei!

Se conhecemos a lei da natureza, por que nos queixamos dela? Se a ignoramos, que deveríamos acusar senão nossa cegueira, que a cada momento nos é comprovada?

Fica sabendo que não és tu quem deve dar leis ao mundo; o que te compete fazer é harmonizar-te com elas à medida que as encontres.

Se elas te incomodam, tua lamentação só servirá para aumentar teu tormento.

Não te iludas com belos pretextos, nem suponhas que a tristeza cura o infortúnio. Ela é um veneno disfarçado de remédio; enquanto pretende arrancar a flecha de teu peito, afunda-a em teu coração.

Não diz a tristeza, quando te isola de teus amigos: "*Não estás preparado para conversar*"? Quando ela te leva para os cantos, não proclama que tem vergonha de si mesma?

Não está em tua natureza receber as flechas da má fortuna sem ferir-te, nem a razão exige tal coisa de ti; é tua obrigação suportar a infelicidade como um homem; mas primeiro precisas senti-la como um homem.

As lágrimas podem rolar de teus olhos, embora a virtude não caia de teu coração; cuida apenas para que haja motivo, e que elas não fluam com excessiva abundância.

A grandeza de um mal não deve ser avaliada pelo número de lágrimas por ele derramadas. As maiores dores estão acima desse testemunho, assim como as maiores alegrias estão além das palavras.

Que debilita mais a mente que a dor? Que a deprime mais que a tristeza?

Está preparado o triste para nobres empreendimentos? Está ele armado para defender a causa da virtude?

Não te sujeites a males onde não haja vantagens para receberes em troca; nem sacrifiques os meios do bem por aquilo que é, em si, um mal.

LIVRO XI

DAS VANTAGENS QUE O HOMEM PODE ADQUIRIR SOBRE O SEU SEMELHANTE

CAPITULO I: Da Nobreza e da Honra

TUA nobreza não reside senão na Alma; nem existe verdadeira honra senão na bondade.

Os crimes não podem enaltecer o homem que os comete, levando-o à verdadeira glória; nem pode o ouro enobrecer os homens.

Quando os títulos são a recompensa da virtude, quando é elevado bem alto aquele que serviu seu país, possui glória aquele que concede as honras, tanto quanto aquele que as recebe; e o mundo é beneficiado com isso.

Desejadas ser elevado por homens que não sabes o que são? Ou preferirias que perguntassem: por que isso?

Quando as virtudes do herói passam a seus filhos, seus títulos os acompanham bem; mas quando aquele que os possui não é como quem os merece, não o chamam degenerado?

A honra hereditária é considerada a mais nobre; mas a razão defende a causa daquele que a conquistou por si mesmo.

Aquele que, destituído de méritos, apela para as ações de seus ancestrais a fim de fundamentar sua grandeza, é como o ladrão que procura proteção refugiando-se no pagode.

Que bem há em ser cego, só porque os pais podiam ver? Que benefício há em ser mudo, só porque o avô era eloqüente? Da mesma forma, de que vale para o que é torpe que seus predecessores tenham sido nobres?

A mente inclinada para a virtude torna grande quem a possui; mesmo sem títulos ela o eleva acima do vulgar.

Ele conquista honrarias enquanto outros as recebem; e não lhes diz: *"Assim foram os homens de quem vos vangloriais de descenderdes?"*

Assim como a sombra acompanha a substância, a verdadeira honra acompanha o bem.

Não digas que a honra é filha da audácia, nem creias que só os azares da vida podem pagar seu preço; não é à ação que se deve a honra, mas ao modo de realizá-la.

Nem todos são chamados para guiar o leme do Estado; nem podem seus exércitos ser comandados por todos; faze bem o que te foi confiado e os louvores permanecerão contigo.

Não digas que é necessário conquistar as dificuldades, nem que o labor e o perigo devem estar no caminho do renome. Não é louvada a mulher que é casta? Não merece ser honrado o homem que é honesto?

A sede de fama é violenta; o desejo de honrarias é poderoso ; Aquele que criou estas coisas, no-las deu para grandes propósitos.

Quando são necessárias para o público ações desesperadas, quando nossa vida deve ser exposta para o bem de nosso país, que pode acrescentar força à virtude, senão a ambição?

Não é receber honrarias que delicia a mente nobre; é o orgulho de merecê-las.

Não é melhor que se diga: "*Por que não tem este homem uma estátua?*" Ao invés de se perguntar por que ele a tem?

O ambicioso sempre terá primazia na multidão; ele vai adiante e não olha para trás. É mais angustioso para sua mente ver que há alguém à sua frente do que deleitoso deixar milhares para trás.

A ambição tem raízes em todos os homens, mas não cresce em todos; o temor a mantém baixa em alguns; em muitos ela é suprimida pela modéstia.

A honra é a veste interior da Alma; é a primeira coisa que ela veste com a carne, e a última de que se despoja ao separar-se dela.

A ambição é uma honra para tua natureza quando dignamente empregada; quando a diriges para propósitos errados, ela te envergonha e te destrói.

A ambição se mantém oculta no peito do traidor: a hipocrisia esconde a face sob seu manto; a fria dissimulação lhe empresta palavras macias, mas finalmente os homens verão o que ela é.

A serpente não perde seu veneno, apesar de estar entorpecida pelo frio; o dente da víbora não se quebra embora o frio lhe cerre a boca; tem piedade de sua condição e ela te mostrará seu espírito; aquece-a junto a teu peito e ela te retribuirá com a morte.

Quem é verdadeiramente bom ama a virtude por si mesma e desdenha o aplauso que a ambição procura.

Como seria lastimável o estado da bondade se não pudesse ser feliz a não ser com o louvor alheio! Ela é nobre demais para buscar recompensa, ou para desejar retribuição.

Quanto mais alto se levanta o Sol, menos sombras projeta; da mesma forma, quanto maior a bondade, menos deseja louvores; contudo, não pode impedir suas recompensas honrosas.

A glória, tal como uma sombra, foge de quem a persegue, mas segue de perto os passos de quem dela foge; se tu a cortejares sem o devido mérito, jamais a alcançarás; se a mereceres, ainda que dela te escondas, jamais te abandonará.

Procura aquilo que é honroso, faze o que é direito; o aplauso de tua consciência te dará muito mais alegria que os brados de milhões que não sabem se os mereces.

CAPÍTULO II: Da Ciência e da Cultura

O mais nobre emprego da mente humana é o estudo das obras de seu Criador.

Para aquele a quem a ciência da natureza é uma alegria, cada objeto representa uma prova de Deus; e tudo que isto prova é motivo de adoração.

Sua mente é elevada ao céu a todo momento; sua vida é um só ato contínuo de reverência.

Se eleva os olhos para as nuvens, não vê os céus cheios de Suas maravilhas? Se olha para a terra, não proclama o verme: "*Nada menor que a onipotência poderia ter me criado*"?

Se os planetas seguem seu curso; se o Sol permanece em seu lugar; se o cometa vaga pelo ar e novamente retorna ao seu caminho predestinado, quem senão Deus, ó homem! poderia tê-los formado? Que outra coisa senão a sabedoria infinita poderia ter-lhes decretado suas leis?

Contempla seu espantoso esplendor! Ele nunca diminui; vê como são céleres seus movimentos! Entretanto, nenhum se atravessa no caminho do outro.

Olha para a terra e contempla seus produtos; examina suas entranhas e contempla o que contêm; não foram sabedoria e poder que ordenaram tudo?

Quem ordena à erva que brote? Quem a rega na devida estação? Vê, o boi a come; não se alimentam dela o cavalo e o carneiro? Quem a criou para eles?

Quem faz crescer o grão que semeias? Quem te devolve o grão multiplicado por mil?

Quem amadurece para ti as olivas no tempo certo? E as uvas, ainda que não saibas a causa disto?

Pode o mais ínfimo inseto criar a si mesmo? Se fosses algo menos que Deus, poderias tê-lo formado?

As bestas sentem que existem mas não pensam nisto; elas se deleitam com a vida mas não sabem como terminará; cada uma cumpre seu percurso sucessivamente e não se perde uma espécie em mil gerações.

Tu, que vês o todo tão admirável quanto suas partes, podes empregar melhor a visão do que nelas contemplando a grandeza de teu Criador? E tua mente, podes empregá-la melhor do que examinando Suas maravilhas?

O poder e a mercê estão patentes na formação das partes; a justiça e a bondade rebrilham no cuidado que lhes é dispensado; todas são felizes em suas variadas formas e não invejam uma à outra.

Que é o estudo das palavras comparado com este? Em que ciência há conhecimento, senão no estudo da natureza?

Quando tiveres estudado a estrutura, procura saber seu emprego; pois a terra nada produz que não seja para teu bem. Não são o alimento e o vestuário e os remédios para teus males derivados todos desta única fonte?

Quem é sábio, então, senão aquele que conhece isto? Quem tem compreensão senão aquele que contempla? Quanto ao resto, prefere acima de

todas as outras a ciência que tenha maior utilidade, o conhecimento dotado de menor vaidade; e tira proveito disto em favor de teu próximo.

Viver e morrer; ordenar e obedecer; agir e sofrer; não é disto que tens de cuidar?

A moralidade te ensinará estas coisas; a economia da vida as estenderá diante de ti.

Vê, está tudo escrito em teu coração; só precisas ser lembrado disto; são coisas de fácil concepção; sê atento e as reterás.

Todas as outras ciências são vãs, todos os outros conhecimentos são mera ostentação: eis que não são necessários ou benéficos ao homem, nem o fazem melhor ou mais honesto.

Devoção a teu Deus, benevolência para com teu próximo, não são estes teus maiores deveres? Quem te ensinará o primeiro deles melhor que o estudo de Suas obras? Quem te informará do segundo melhor que a compreensão de tuas dependências?

LIVRO XI

DAS MANIFESTAÇÕES DO CARMA

CAPÍTULO I: Da Prosperidade e da Adversidade

CUIDA para que a prosperidade não exalte teu coração além da medida; tampouco deixes tua mente deprimir-se profundamente quando a fortuna for dura contigo.

Seus sorrisos não são estáveis, portanto não fundamentes neles tua confiança; ela não franze os cenhos para sempre, portanto, permite que a esperança te ensine a ter paciência.

É difícil suportar bem a adversidade; mas ser comedido na prosperidade, isto é o máximo da sabedoria.

O bem e o mal são testes pelos quais conheces tua constância; nenhuma outra coisa poderá mostrar-te os poderes de tua própria Alma; portanto, debes estar alerta quando de ti se aproximem.

Vê a prosperidade, quão docemente te lisonjeia, quão insensivelmente te rouba a força e o vigor!

Ainda que tenhas sido constante na má fortuna, ainda que tenhas sido invencível na desgraça, pela prosperidade és derrotado, sem saberes que tua força não retorna; contudo, poderás de novo precisar dela.

A aflição leva nossos inimigos à piedade; o sucesso e a felicidade levam até nossos amigos à inveja.

A adversidade é a semente da boa ação; é a nutriz do heroísmo e da audácia; aquele que tem o suficiente, incorrerá em perigo para obter mais? Quem tem conforto, colocará sua vida em perigo?

A virtude verdadeira atuará em quaisquer circunstâncias; mas os homens enxergam mais seus efeitos quando com ela surgem acidentes.

Na adversidade o homem se vê abandonado pelos demais; ele percebe que suas esperanças estão centradas dentro de si mesmo; ele desperta sua Alma, enfrenta suas dificuldades, e elas cedem diante de si.

Na prosperidade ele imagina estar seguro; pensa que é amado por todos que sorriem em torno de sua mesa; torna-se descuidado e negligente; não vê o perigo que está à sua frente; confia nos outros e no final eles o enganam.

A Alma pode aconselhar o homem em sua desgraça; mas a prosperidade encobre a verdade.

Melhor é a tristeza que leva ao contentamento, do que a alegria que torna o homem incapaz de suportar a desgraça e que mais tarde o lança nela.

Nossas paixões impõem-se a nós em todos os nossos extremos; a moderação é o efeito da sabedoria.

Sê correto em toda tua vida; mantém-te contente em todas as suas mudanças; assim tirarás proveito de todas as ocorrências; assim, tudo que te acontecer será fonte de louvores.

O sábio de tudo faz proveito, e com a mesma expressão na face contempla as feições da fortuna; ele governa o bem, derrota o mal; e em tudo permanece firme.

Não presumas na prosperidade nem desesperes na adversidade ; não cortejes o perigo nem fujas dele covardemente; ousa desprezar tudo o que não possa permanecer contigo.

Não permitas que a adversidade arranque as asas da esperança ; nem que a prosperidade obscureça a luz da prudência.

Aquele que desespera de alcançar um fim, jamais chegará até ele; e aquele que não vê o fosso, nele perecerá.

Aquele que chama a prosperidade de seu bem, que a ela diz, "*Contigo estabalecerei minha felicidade*", eis que ancora seu barco num banco de areia, e a maré o arrastará para longe, ao retornar.

Como a água que vem da montanha em direção ao mar beija cada campo que margeia os rios, sem se deter em lugar algum assim também a fortuna visita os filhos dos homens; seu movimento é incessante, jamais se detém; é instável como o vento; como então pensas em aprisioná-la? Quando ela te beija, és abençoado; mas olha, quando te voltas para agradecer-lhe, ela já se foi para outro.

CAPÍTULO II: Da Dor e da Enfermidade

A doença do corpo afeta até mesmo o espírito; um não pode estar saudável sem o outro.

De todos os males, a dor é a mais sentida, e é para ela que a Natureza tem menos remédios.

Quando tua constância te falha, apela para tua razão; quando tua paciência te abandona, chama a esperança.

Sofrer é uma necessidade imposta por tua natureza. Queres que um milagre te proteja de suas lições? Ou queres rebelar-te porque acontece a ti, se vem para todos? O sofrimento é a cruz dourada sobre a qual desabrocha a rosa da Alma.

Seria injusto esperar isenção daquilo que nasceste para aprender; inclina-te com modéstia diante das leis de tua condição.

Dirias às estações: "*Não passeis, para que eu não envelheça?*" Não será melhor suportares bem aquilo que não podes evitar?

A dor que perdura longo tempo é moderada; ruboriza-te por te queixares dela; a dor violenta é breve; logo verás seu fim.

O corpo foi criado para ser subserviente à Alma; quando afliges a Alma por causa da dor de teu corpo, lembra que colocas o corpo acima dela.

Assim como o sábio não se aflige porque um espinho rasgou-lhe as vestes, assim o homem paciente não atormenta sua Alma porque aquilo que a cobre está ferido.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE TERMOS USADOS NESTE MANUSCRITO

Para auxiliar o leitor, o tradutor da edição moderna deste livro chama atenção para os seguintes termos e frases empregados nos diversos capítulos.

No final das instruções preliminares está a antiga forma de autorização: "*A Vós Confio a Economia da Vida*". Isto indica que o manuscrito original não foi utilizado unicamente com o fim de instrução individual e pessoal, mas era o sistema oficial usado pelos Mestres de uma escola; a instrução dada pelo mestre ia acompanhada por uma outorga de poderes para que o discípulo aplicasse as leis e os princípios.

No Capítulo I, Livro Primeiro, encontramos a referência às "*muitas vidas*" e à "*compensação que a Lei exigirá*". Esta é uma referência à reencarnação, hoje mais conhecida como a Lei do Carma.

No Capítulo II do Livro Primeiro, notamos a expressão "*mortalmente ignorante*", no segundo parágrafo. No misticismo moderno, provavelmente seria empregada a expressão objetivamente ignorante, em contraste com a sabedoria subjetiva herdada, ou sabedoria natural da Alma ou do Eu interior.

No Capítulo III, do Livro Primeiro, e em muitas passagens do manuscrito, encontram-se referências ao "*estado presente de teu ser*". Sempre que esta expressão é empregada, podemos facilmente interpretar a palavra estado no sentido de encarnação presente; com isto em mente, veremos que as afirmações se tornam muito mais instrutivas.

Também no Capítulo III, Livro Primeiro, primeiro parágrafo, encontramos os princípios da reencarnação iluminados pela declaração de que nossas ações na presente encarnação ordenarão, criarão ou estabelecerão o que seremos na encarnação seguinte. No parágrafo seguinte há nova referência à Lei, significando uma vez mais a lei da compensação ou Carma. No fecho do Capítulo III do Livro Primeiro, as palavras finais indicam que, quando a Alma do homem está pronta para reencarnar, atrai para si, dos elementos físicos desta terra, o corpo físico que deseja animar. Este é um dos princípios fundamentais dos antigos Rosacruzes — o de que, da mesma forma como estabelecemos ou atraímos para nós mesmos, nesta vida, a natureza da encarnação que teremos em nosso próximo "*estado*", assim a Alma, pouco antes do renascimento neste plano, paira sobre o plano terrestre e escolhe, dentre os muitos corpos físicos que estão sendo criados pela Natureza, aquele que pelo ambiente, nacionalidade, localização e outras condições, ofereça à Alma a oportunidade de prosseguir o trabalho que tem a realizar, ou as lições e experiências que lhe cabem. Este é, na verdade, um princípio profundo e interessante que o misticismo moderno tem descuidado.

No Capítulo I do Livro Segundo, encontramos um excelente exemplo da antiga forma de simbolismo e analogia mística. Ali, a esperança é comparada à rosa em botão, e as ameaças do medo são comparadas a uma cruz, na qual é crucificada a rosa. Além da excelência da idéia assim expressa, nela encontramos uma referência velada ao símbolo Rosacruz, uma rosa entreaberta no centro de uma cruz dourada.

No quinto parágrafo do mesmo capítulo há uma referência a A Alma; em todo o manuscrito também nos é transmitida constantemente uma idéia antiga que está se firmando rapidamente como um princípio místico profundo, e também como

sólida lei religiosa: ou seja, a idéia de que só há uma Alma no universo, que é a consciência de Deus, ou dela provém, e anima toda a humanidade; que não existe separação de Almas, ou Almas individuais nos indivíduos humanos, mas que todos nós temos uma Alma, uma Alma universal, da qual há um segmento indiviso em cada ser vivente. A mesma idéia é apresentada de maneira primorosa no sexto e no sétimo parágrafos do Capítulo I do Livro Oitavo, onde lemos que, após a morte, o corpo permanece "*matéria perfeita*", ou, em outras palavras, um verdadeiro estado de expressão material, embora a Alma tenha deixado esse corpo; o que indica que a Alma não é parte do corpo, nem necessária para o mesmo, para que este seja uma coisa material.

No Capítulo II do Livro Oitavo, há referência à mente e à Alma, e às suas mútuas relações. No primeiro parágrafo deste Capítulo há a declaração de que a Alma reside na mente. Em várias passagens vemos a mente distinguida de cérebro, e espírito é uma palavra que recebe um significado bastante distinto, no mesmo capítulo.

No Capítulo III, Livro Oitavo, mais luz é lançada sobre a natureza da Alma com instruções sobre o modo de conhecermos a Alma. A declaração deste Capítulo, segundo a qual a Alma não nasceu dentro de nós, mas foi "*instituída*" para o corpo, e formada com a mente, indica outra crença profunda de que a Alma que espera a reencarnação deixa seu reino espiritual e paira junto ao plano terrestre no momento em que está preparada para escolher um corpo físico que está entrando nos primeiros estágios embrionários de desenvolvimento e crescimento.

No mesmo Capítulo temos um fato interessante relativo aos animais, que nos diz que as almas de outros animais que não o homem não têm consciência da

morte ou transição; que só o homem possui Alma dotada de mente e consciência suficientes para capacitá-lo a ter conhecimento daquele estado.

No Capítulo IV do Livro Oitavo, encontramos, no parágrafo dezessete, o interessante fato segundo o qual a morte não nos tira a oportunidade de adquirir conhecimento; uma indicação de que podemos continuar a adquirir conhecimento após a transição e, presumivelmente, enquanto aguardamos a reencarnação. Isto ilustra a antiga crença de que, durante os intervalos entre reencarnações, o homem é capaz de sentir e comunicar-se com outras mentes. Entretanto, isto não deve ser interpretado como uma crença em princípios hoje defendidos pelas doutrinas espíritas, pois os antigos místicos e seus sucessores, especialmente os Rosacruz, têm a firme crença de que as mentes ou personalidades que aguardam a reencarnação não aparecem em sua forma espiritual aqui no plano terreno. Também acreditam que, embora possam fazer com que místicos avançados possam senti-los, não se vestem com corpos materiais visíveis enquanto não reencarnarem.

Quase no final do Capítulo III do Livro Nono, encontramos a interessante afirmação de que a fraqueza e a força estão mescladas em nossa Alma e em nosso corpo — em outras palavras, a força é um elemento essencial da Alma e a fraqueza um elemento do corpo, por causa de sua constante modificação e de sua mortalidade; que, portanto, enquanto a Alma se encontra no corpo, força e fraqueza se misturam, o que nos impede de sermos inteiramente bons ou inteiramente maus. Esta é uma outra forma da antiga afirmação de que o homem não se tornará completamente bom até que tenha cessado a aprendizagem de todas as lições necessárias da vida, e tenha aprendido a resistir a todas as tentações - então não terá mais um corpo para envolver sua Alma, e viverá uma vida espiritual acima deste plano.

No Capítulo V do mesmo Livro, os primeiros parágrafos nos apresentam outras fraquezas do corpo físico e reafirmam o que havia sido dito anteriormente. Todo este Capítulo é interessante deste ponto de vista. O final do Capítulo VI, também do Livro Nono, faz-nos lembrar novamente que viveremos na próxima encarnação conforme o que construirmos na vida presente.

No Capítulo II, Livro Décimo Segundo, encontramos, já no primeiro parágrafo, uma referência ao fato de que a doença do corpo físico afeta o espírito do corpo, ou, em outras palavras, a essência chamada espírito é uma forma material de energia que faz parte do corpo físico — uma forma mais baixa da essência universal; também vemos que o espírito do corpo não é a essência da Alma, que é imortal e não pode sofrer nem ser afetada pela doença. Mais adiante, no mesmo Capítulo, encontramos nova referência à cruz dourada e à rosa da Alma. No final desse Capítulo encontramos um fecho apropriado para a obra. Vemos que o corpo foi criado para ser o servo da Alma e que em nenhuma ocasião devemos permitir que o corpo ou suas faculdades e exigências mortais se elevem acima do Domínio da Alma. Isto é uma prova do mais bem fundamentado misticismo, a tônica dos ensinamentos Rosacruz.